

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

NATHALIA SOBRAL DE SOUZA

Do mundo do texto ao mundo da vida: recepção de narrativas literárias de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles por mulheres de mais de cinquenta anos participantes do Programa Trabalho Social com Idosos – SESC/Ce.

FORTALEZA

2012

NATHALIA SOBRAL DE SOUZA

Do mundo do texto ao mundo da vida: recepção de narrativas literárias de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles por mulheres de mais de cinquenta anos participantes do Programa Trabalho Social com Idosos – SESC/Ce.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Sociologia. Orientador: Prof. Dr. Antonio Crístian Saraiva Paiva.

FORTALEZA

2012

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. ANTONIO CRÍSTIAN SARAIVA PAIVA
(Universidade Federal do Ceará – Orientador)

PROFA. DRA. ANDRÉA BORGES LEÃO
(Universidade Federal do Ceará)

PROFA. DRA. VERA LÚCIA MORAES
(Universidade Federal do Ceará)

PROFA. DRA. ALDA BRITTO DA MOTTA
(Universidade Federal da Bahia)

Aos meus avós, João, Elisa, Albina e Tomás, pela riqueza
que é viver suas velhices...

Agradecimentos

Agradecer e agradecer. Sempre!

Aos professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Sociologia - UFC que possibilitaram e enriqueceram meus estudos.

Ao meu querido orientador, Professor Crístian Paiva, que me acompanhou nesse trabalho com carinho, extrema competência e a firmeza necessária.

Às Professoras Andréa Borges Leão e Vera Moraes pelas importantes contribuições no momento da qualificação e aceitarem compor a banca desse trabalho.

À Professora Alda Britto da Motta pela disposição para participar da minha banca de defesa.

À toda equipe que compõe o TSI/SESC, principalmente, Ingrid Rochelle, Lidiane Dantas, Inez Coutinho e Márcio Araújo, que acolheram meu trabalho com presteza e gentileza. Ao grupo de Criação Literária que me recebeu de forma calorosa e permitiu que eu participasse de ricos momentos para pensar e discutir a velhice. Meu sincero agradecimento à Cleody, sempre amiga e solícita, Eudismar, Onéida, Eridam, Terezinha, Alba, Fernanda e todas as senhoras participantes do TSI.

Ao amigo e mestre Paulo Linhares que com sua genialidade e generosidade, me apresenta uma vida de possibilidades e a necessidade de vivê-la de forma criativa e intensa.

Aos meus pais, Roberto e Heliana, e meu irmão Felipe que com grande carinho, amor, respeito e paciência, me deram todo suporte necessário nessa caminhada.

À minha amada amiga Gabriella Maria, com quem aprendo todos os dias a cultivar a busca por sentimentos e atos melhores.

Aos queridos amigos que dividem comigo as melhores conversas, angústias e felicidades, e que fazem tudo ser mais intenso e interessante: Adriano Caetano, Márcia Paula, Monalisa Soares, Felipe Mota, Mayara Magalhães,

Beto Holanda, Rita Paiva, Gustavo Colares, Valdiram Melo, Germano Murati, Fabrício Bezerra, Eudenia, Luan Teixeira...

Aos meus amigos e companheiros de mestrado, Bruna, Érika, Ricardo, Edgar, Gabriel, Vinícius, André, Juliana, Marcos, Narah, Ana, pelas boas aulas, gargalhadas e trocas de conhecimentos.

À Sheyla Araújo, Luzia Batista, Bete Jaguaribe e Denise de Castro. Mulheres fortes e lindas, que seguram “a barra”, sempre que necessário, com leveza e carinho. A vocês, meninas, meu respeito e admiração.

Aos meus tios, tias e primos tão amados, agradeço na figura de minha tia Erlênia pelo exemplo de respeito ao outro, pela confiança e forte amizade, que nos permite viver um “parentesco” diferente, doce e cúmplice.

A todos os “*santos, en(cantos) e axé*”, que renovam minha energia diariamente e engrandecem minha alma.

Agradeço ao CNPq por financiar esta pesquisa.

RESUMO

Esse trabalho tem como proposta um estudo sobre o envelhecer feminino partindo da recepção de leituras de narrativas literárias das escritoras Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles por mulheres de mais de cinquenta anos que participam do Grupo de Criação Literária do programa Trabalho Social com Idoso – TSI do SESC/CE. Através do encontro entre as *mulheres do mundo do texto* com as *mulheres do mundo da vida*, proporcionado pela leitura dos contos, buscamos entender as formas como essas mulheres compreendem suas trajetórias, agora, transformadas pelo processo de envelhecer, bem como o que as fazem procurar modos de resignificar suas vivências e afastar de si a imagem da velhice como uma etapa da vida associada a estigmas e restrições ligadas, principalmente, às limitações corporais, saída do mercado de trabalho, modificações das relações familiares, etc.

Palavras-Chaves:

Envelhecimento, feminino, literatura, recepção, resignificação.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo uma análise das representações do envelhecimento feminino nas sociedades atuais, tentando compreender a relação entre identidade de gênero e identidade de geração, para entender como se configuram as contradições vividas por mulheres nessa fase da vida, a partir das relações com o corpo, sexualidade e vida familiar. Para a realização da pesquisa, partiremos da análise de alguns textos ficcionais (contos) de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, fazendo uma análise socioantropológica da literatura nos seguintes aspectos: da feitura do texto (obra-autor), reflexão e recepção dos textos, buscando perceber como a vida social é reconstituída nas (e a partir das) narrativas ficcionais.

Iniciei meus estudos sobre o envelhecer e a literatura no curso de graduação em Ciências Sociais¹, que culminou em minha monografia de término do curso intitulada *As representações do envelhecer feminino nas obras de Clarice Lispector (2009)*. Para o Projeto do Mestrado, ampliei, inicialmente, o corpus da pesquisa com alguns textos de Lygia Fagundes Telles. Depois de algumas leituras, orientações e apresentações do trabalho em encontros acadêmicos, resolvi ampliar a pesquisa ainda mais.

O texto dessa dissertação se volta, também, para a *estética da recepção* e análises dos discursos. Os textos literários escolhidos para esse momento foram lidos e debatidos por mim e por mulheres envelhescentes que participam do Grupo de Criação Literária do SESC/Ce².

No decorrer do texto, vamos apresentar o grupo, seu funcionamento, quem são as participantes, qual a relação delas com a literatura, assim como uma reflexão minha sobre os textos seguidos das reflexões feitas pelas

¹ Período em que fui bolsista de iniciação científica (PIBIC/UFC) sobre as Representações do Envelhecer Feminino, do Núcleo de Estudos da Sexualidade, Gênero e Subjetividade – NUSS, sob orientação do Prof. Cristian Paiva.

² “Criado em 13 de setembro de 1946 e sua unidade no Ceará em 20 de maio de 1948, o Serviço Social do Comércio (SESC) é uma instituição social, de caráter privado e sem fins lucrativos, mantida por empresários do comércio de bens e serviços. Atua como agente facilitador da transformação da sociedade, estimulando o desenvolvimento da cidadania e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos comerciários e comunidade em geral, através de ações nas áreas de Educação, Cultura, Lazer, Saúde e Assistência”. Retirado em http://www.sesc-ce.com.br/content/aplicacao/SESC-CE/2007-principal/gerados/2007_sesc_oquee.asp.

mulheres participantes do Criação Literária depois do “encontro” com algumas personagens. Adianto que nem todos os contos escolhidos por mim para compor essa pesquisa foram submetidos a leitura do grupo de senhoras. Como há personagens com conflitos parecidos, separei aqueles que me pareceram mais “fáceis” para a leitura, já que ler Clarice Lispector, para elas, não pareceu ser uma tarefa fácil – situação que explicarei melhor no decorrer do texto. É a partir dos questionamentos que surgem da leitura desses textos e da forma como a velhice se faz presente na vida de mulheres, fictícias e reais, que desenvolvemos essa pesquisa.

Questionando o que faz a velhice feminina uma velhice diferenciada, falaremos, aqui, numa feminização da velhice. Termo bastante utilizado para representar o fato censitário de que há mais mulheres velhas que homens velhos. Fato esse que, isolado não nos responde sobre essa diferenciação, mas que é o “ponta pé” inicial para alcançarmos as outras informações para entender o envelhecer feminino como diferente do masculino.

Essa feminização, maior número de mulheres velhas que homens velhos, está ligada, segundo Salgado (2002), a fatores da desigualdade de gênero. As mulheres vivem, em média, 7 anos mais que os homens. Outra característica que chamou atenção da autora é o número de viúvas nessa fase da vida³. Isso se deve, diz Salgado (2002), porque, por tradição, as mulheres costumavam casar com homens mais velhos e porque, uma vez viúvas, os homens voltam a casar bem mais que as mulheres. Podemos acrescentar a relação das mulheres com os cuidados com a saúde (um dos fatores determinantes para o aumento da expectativa de vida). A geração de idosos desse começo do século XXI, ainda sente o peso da tradição muito forte, pois suas referências são mais arraigadas aos preconceitos de gênero, como por exemplo, a ideia que o sexo *frágil* (que necessitava de maior cuidado e domínio) era o feminino.

É pensando as diferenças, contradições e negociações que as mulheres passam nesse processo, que encontramos tanto no texto literário

³ Sobre viuvez e solidão feminina ver BRITTO DA MOTTA, Alda. Viúvas: o mistério da ausência. *Estud. Interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 7, p. 7-24, 2005.

quanto nas falas das mulheres “reais”, que buscamos as significações dadas ao envelhecer na contemporaneidade.

Outro aspecto que se fez muito relevante nessa pesquisa é a presença constante do termo *velhice ativa* (bem como do seu significado). Se tornou impossível não tratar desse assunto quando depois do TSI e do Criação Literária. As pessoas que frequentam esses espaços institucionais especiais para lidar com o envelhecer se tornam velhos diferenciados, já que praticam ações que outros velhos, fora do circuito do envelhecer ativo, não fazem.

Para a utilização do termo *velhice ativa* tenho como principal interlocutora a socióloga Guita Debert, em seu livro “Reinventando a Velhice” (2004), que nos traz um longo debate sobre as novas formas de envelhecimento na contemporaneidade, principalmente, as ligadas as novas instituições dedicadas a “transformar” o envelhecer.

Esse assunto nos liga, imediatamente, ao uso do termo *envelhecência*, já que busco entender que tipo de envelhecer é esse que vem se configurando na vida contemporânea que faz desses “novos” velhos, velhos diferentes.

Vivemos a época dos eternos envelhescentes?

A pergunta é, na verdade, uma continuação de uma “brincadeira” feita pelo escritor Mário Prata no texto “Você é um envelhescente?”⁴ que faz alusão a uma possível junção dos termos *envelhecer* com *adolescência*. No referido texto, o autor brinca com o que ele chama de período entre a vida adulta e a *velhice*, que vai dos 45 anos aos 60 anos. Para ele, neste período, os homens são muito parecidos com os garotos adolescentes de 10 a 20 anos. Desde a teimosia, a autoconfiança exagerada, o sentimento de “ninguém me entende”, a necessidade de mudar o ritmo da vida (mas, aqui, enquanto o adolescente vive em velocidade total, o envelhescente diminui consideravelmente o ritmo); é como se fosse um período de adaptação para o que virá, cheia de tentativas para não permitir que a tal *velhice* se instale de repente transformando tudo sem dar escolhas. O envelhescente resiste. Cria forma de distanciar-se do que há de negativo da *velhice* (é curioso como é feita uma separação do que se tem de bom e o que se tem de ruim: a maturidade é ótima, mas as doenças

⁴ http://www.dynamicx.com.br/fotos/spri/Psicanalitica2006_provafinal.pdf#page=163

não; amar de forma mais serena é bom, mas a impotência é ruim, etc). Assim, nos perguntamos, aqui, se esse momento de busca de uma velhice ativa não é uma forma de instaurar essa envelhescencia como a própria velhice; afastando os fantasmas para conservar o máximo possível os aspectos positivos e fazer da velhice uma etapa da vida mais leve e prazerosa.

Pensando sobre essa “envelhescência”, o psicanalista Manoel Tosta Berlinck (1998), faz uma reflexão sobre como esse período pode ser um momento de entendimento do processo de envelhecer a partir do desencontro entre o “inconsciente atemporal e o corpo, âmbito da temporalidade”. Nos dois textos, o que causa esse momento diferenciado (ou adolescência ou envelhescência) é o encontro inevitável com os fantasmas do desconhecido. Assim como os adolescentes, os que envelhecem precisam se encontrar em um corpo desconhecido e socialmente não desejado. Isso não só com o corpo, mas também com as possíveis perdas que a velhice pode trazer, como a aposentadoria, a solidão familiar, a impotência, etc. Assim, é necessário refletir e encontrar formas de lidar com o “novo inevitável”.

Achamos pertinente usar o termo envelhescência para esse trabalho por nos parecer uma fecunda ideia para uma reflexão sobre o porquê das senhoras procurarem uma instituição que propõe um novo modelo de envelhecer: mais ativo; que tenta conservar os pontos positivos da vida adulta e aprender a lidar com o que é inevitável para evitar que eles tornem a velhice um fardo.

E, assim como os adolescentes, as mulheres velhas que encontramos durante esse trabalho, buscam confirmações para suas descobertas na velhice, que garantirão e legitimarão a realização dos seus desejos resignificados pelo o envelhecer.

Do mundo do texto ao mundo da vida: recepção de narrativas literárias de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles por mulheres envelhecidas.

Ter oitenta e um anos e viver com o desassossego de ainda ter o *desejo de prazer*. Essa era a angústia de dona Cândida Raposo: ainda tinha a *vertigem de viver!* Quando não soube mais como lidar com seu sofrimento, a senhora procurou a voz que lhe parecia mais legítima para ajudá-la no assunto: seu ginecologista. De fato, para esta distinta senhora não restavam muitas opções. Não seria de bom gosto falar com a filha ou alguma amiga; não poderia suportar a vergonha, afinal, só poderia ter algo errado com ela para ainda viver com esses pensamentos aos oitenta anos. Mas de nada adiantou. Não há remédio para essas coisas. Não há “cura” para este “mal”. Foi o que a mulher constatou ao final da consulta. Estava só. Ninguém poderia fazer com que sua *vontade de prazer* fosse saciada (ou banida). Acabar com isso seria o fim mais apropriado, mas como não havia nem remédio nem um homem capaz de executar... lhe restava apenas as lembranças da juventude (tinha sido muito bela quando jovem e, talvez, também bem amada) e suas próprias mãos, companheiras do ato que conseguiu amenizar (temporariamente) seu sofrimento, mas que lhe causava vergonha e horror. Isso era a vida: um desejo sem fim que não poderia mais ser sentido sem maiores constrangimentos depois de certa idade. Teria sido enganada, dona Cândida Raposo? Não deveria alguém tê-la avisado que “isso”, na verdade, nunca passaria?

A narrativa acima pode ser entendida como um depoimento de uma senhora, de oitenta e um anos, que vive momentos intempestivos com sua condição de velha por não saber lidar com seu desejo após a viuvez e a idade “mais avançada”. Digo “pode ser entendido”, porque, na verdade, D. Cândida Raposo é uma personagem ficcional da escritora brasileira Clarice Lispector, no conto *Ruído de Passos (A via crucis do corpo, 1998)*. Encontrei enredos como esses, também, nas falas de mulheres em rodas de conversas sobre sexualidade na velhice no Trabalho Social com Idosos - TSI do Serviço Social do Comércio – SESC/Ce que acompanhei em 2011. Foi a partir dessa narrativa, e de outras oito personagens claricianas e lygianas, que apoiei meu

questionamento da condição da mulher velha na contemporaneidade. Adianto que não tenho a pretensão de dar a este trabalho um título de pioneiro nesse tipo de estudo, assim como antecipo, também, que alguns contos aqui pesquisados já foram antes analisados sob a perspectiva do estudo do envelhecimento, mas sei que nunca conseguimos esgotar um campo de estudo – já que vivemos em sociedades que passam por constantes transformações e reconfigurações de seus conceitos – assim, sob uma perspectiva voltada para uma análise da recepção desses textos por mulheres que estão vivenciando de forma “real” o processo de envelhecer, *revisitei* estes textos, buscando neles pontos relevantes para tentarmos elucidar alguns questionamentos sobre o envelhecer feminino.

Os questionamentos apresentados pelas personagens, mesmo tendo sido escritos há mais de 20 ou 30 anos, são bem atuais relacionando com o que ditos por algumas mulheres de mais de 50 anos hoje.

09 de maio de 2011, 10:30:

(Roda de Conversa sobre sexualidade e velhice no SESC-CE)

Cerca de 15 idosos⁵ participam de uma animada conversa com a uma das assistentes sociais do TSI, Lidiâne Dantas, sobre como podemos “nos entender” com sexo e a sexualidade depois dos 50 anos, especialmente quando se é mulher. Entre risos de vergonha, declarações sobre os primeiros contatos com o sexo, confissões sobre o que os parentes (principalmente filhos e netos) exigem do comportamento; a mediadora esclarecia *que era sim possível ter prazer na velhice, e melhor, que era possível senti-lo sem culpa, pois as restrições são frutos de preconceitos sociais, que assim como foram construídos por nós, podem ser desconstruídos.*

Neste momento, uma senhora (cerca de 60 anos), com lágrimas nos olhos, faz uma intervenção:

- *como é, minha filha, que a gente faz isso?*

⁵ Neste trabalho, quando utilizo o termo “idoso” faço referência a forma como os velhos e os servidores do SESC falam. O termo “velho”, para se referir diretamente a alguém, não é bem aceito. Remete a uma velhice negativa. É exatamente contra ela que eles estão lá. Essa é a realidade de muitas instituições que trabalham com a “terceira idade”, como o SESC: transformar o velho em idoso ativo. Ver BARROS, Myriam Morais Lins de. *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

- *Isso o que, Maria?* (nome fictício)

- *Esse negócio de desconstruir.*

Até houve uma resposta. Lidiane tentou explicar de forma mais simples toda a reflexão que vinha fazendo sobre as transformações do comportamento feminino e dos mais velhos, mas não satisfez. Maria, na verdade, estava entendendo, mas estava com pressa. Achou muito complicado esse negócio de lutar para modificar os preconceitos. Queria uma receita rápida. Achou que demoraria muito e iria usufruir do desejado desfecho da tal luta.

Maria, assim como D. Cândida, foi para casa sem uma resposta. A solução para seu problema, ela mesma teria que encontrar.

O que notamos quando escutamos as pessoas mais velhas, ou quando estudamos a produção sobre a velhice ou pesquisamos em instituições que atendem esses sujeitos, é que a vida contemporânea, com todas as possibilidades que oferece para viver por mais tempo, exige que as pessoas encontrem soluções para suas vidas sem precisar de muita assistência. Os sujeitos velhos são acionados a se tornarem responsáveis por suas velhices, representado, principalmente, nas teorias de “velhice ativa”, que discutiremos mais adiante.

A literatura é, aqui, nosso principal *campo empírico* e ferramenta de investigação. É com ela que buscamos compreender a complexidade que se tornou envelhecer na *alta modernidade* (GIDDENS, 2002). Escuta-se muito falar em potência da arte, em poder de libertação, de maior compreensão do eu através do encontro com personagens “não-humanos”, etc. Clarice Lispector, por exemplo, entendia a escrita literária como um “instrumento de ‘pesquisa’ da realidade” (ALBUQUERQUE, 2002), não na forma de reflexo imediato, mas de dar “*um passo a mais para se chegar à arte como meio de autoconhecimento, pois através da exploração de nossa língua buscamos conhecer quem somos, nosso modo de pensar e sentir*” (ALBUQUERQUE, 2002. p. 15).

Nossas personagens são mulheres que trazem problemas aparentemente triviais, demandas individuais, mas que são, na verdade, para nós, questionamentos fundamentais para o início da quebra de alguns tabus

relacionados à condição feminina na velhice, assim as percebemos como *personagens conceituais*⁶.

Entendemos que as transformações só são possíveis porque os questionamentos se fazem presentes de forma incisiva.

Nesse momento, cabe trazer alguns questionamentos do filósofo Michel Foucault (2006) sobre o poder que a literatura tem para pensar a vida social e individual: o que pode a literatura? Qual a potencia da literatura para nos questionar a vida; o sujeito? E acrescento: que elementos tornam esta arte uma chave analítica para o estudo social?

O autor nos dá esses indícios para pensar as questões apresentadas: a literatura, aqui, nos permite perceber as contradições do viver. Devido a sua estética (a beleza; leveza) nos permite suportar as ambivalências e contradições da vida moderna.

Para ele, ela, a literatura, nos faz acessar as *dessubjetivações*, as *desterritorializações*; permite-nos freqüentar o “FORA”, a que está à margem. Como a literatura está, ou pelo menos deve estar, numa lógica fora da produção de verdades (não deve ter “uma moral”, não deve exigir um desfecho lógico) o interesse não (deve) passa pela ordem do julgamento. Não julgamos como certo ou errado as “ações” encontradas nas narrativas, não há uma necessidade de correção/ajustamento da “vida” do personagem.

O que acontece, na maioria das situações, é um apreço ou despreço dos leitores pelos personagens e suas histórias, dramas, contradições e a forma de resolvê-los ou não, sem consequências mais “severas” para os personagens; simplesmente deixamos a narrativa de lado e buscamos outras, mas sem descartar a afetação que o possível desprezo pela história abandonada traz para nós leitores.

A literatura tem a potencia de nos fazer pensar e suportar o impensável; o insuportável; o indizível (Foucault, 2006).

Em boa parte das narrativas literárias sobre velhice estudadas por nós, até aqui, trouxeram questionamentos sobre as “verdades” que permeiam o

⁶ Sobre a noção de personagens conceituais, ver Paiva (2009).

imaginário sobre o que deve ser uma velhice saudável e normal, principalmente quando nos referimos à mulher.

As mulheres velhas dos contos analisados neste estudo não são personagens inacessíveis ou narrativas fantásticas. São, na verdade, personagens ordinários, comuns, facilmente reconhecíveis na vizinha do lado, na tia mais velha, na avó, enfim, entre nós.

Um início fundamental para quem pretende trabalhar com a sociologia da literatura⁷ é questionar como a criação literária pode ser objeto fecundo para pensar as representações sociais, sendo o grande desafio para o cientista social não cair em meros “reducionismos do sociológico”, como ilustração de argumentos já reconhecidos, mas sim captar a potência/força da obra literária, diferenciando-a de um simples reflexo do social.

Assim, é necessário não ver a obra literária apenas como espelho do social, cuidando, por outro lado, de não considerá-la totalmente independente dele. No argumento de Cândido (2008), essas duas vertentes “se combinam como movimentos necessários do processo interpretativo”. Não devemos esquecer, também, a relação arbitrária e deformante com a realidade que o artista pode desenvolver em seu trabalho. Isto constitui sua liberdade e genialidade. Não devemos questionar a veracidade ou não da narrativa, mas sim o que ela nos representa como figuração do social. Que tipos de imagens os personagens e seus conflitos põem em funcionamento sobre determinado tema, pois esse mesmo artista não é fruto do acaso, e sim produto e produtor de interação social. Por isso, sua criação não pode ser considerada alheia à vida social.

Antônio Cândido (2008) em seu estudo sobre literatura e vida social, apresenta como objetivo para este tipo de pesquisa, focalizar aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos, chegando as seguintes perguntas: a) qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? b) qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio social?

⁷ É importante, para Cândido, ter sempre em mente que crítica literária e sociologia da literatura são duas disciplinas distintas, a última é “uma disciplina de cunho científico, sem a orientação estética necessariamente assumida pela crítica” (CÂNDIDO, 2008, p. 14).

Numa tentativa de superar a dualidade – reflexo social *versus* criação pura – é necessário perceber que a linguagem e a significação são elementos indissociáveis do próprio processo social, envolvidos permanentemente na produção e na reprodução da vida material. A obra literária deve ser entendida, por esse ponto de vista, como parte ativa dentro de um processo histórico, não sendo nem absolutamente autônomo, muito menos uma projeção secundária.

A arte interessa, aqui, ao sociólogo por ser um sistema simbólico de *comunicação inter-humana* e, como toda comunicação, pressupõe um comunicante (artista), um comunicado (obra), e um comunicando (público), que juntos definem um quarto elemento fundamental para essa comunicação: o efeito. Por isso não se deve separar a feitura da obra de sua repercussão. A obra literária surge na confluência entre iniciativa individual e condições sociais, indissoluvelmente ligados (CANDIDO, 2008).

Baseada, também, nesse esclarecimento de Cândido que a pesquisa tentou articular: feitura do texto, recepção e análise.

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade (CÂNDIDO, 2008, p. 21).

Para romper com a concepção idealista que a literatura é uma esfera a parte da vida social, autônoma da produção da vida material e somente fruto da intuição e sensibilidade do seu autor, considerado como gênio, foi necessário que a criação literária fosse percebida como criação interessada e reprodutora de disputas sociais. Neste aspecto, temos as contribuições de Bourdieu (1996) e de Elias (1995), que abordam a relação *autonomia x determinação* da criação e do campo artístico⁸ (Cf. MARTINS, 2004).

⁸ Para Bourdieu, deve-se relacionar o exercício da atividade literária às suas condições sociais e aos tipos de constrições estruturais que pesam sobre elas. O conceito principal do autor, para essa discussão, é a sua *sociologia dos campos*. Campos, definido brevemente pelo próprio autor, são “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser

Mais especificamente, neste estudo interessa o conceito de *campo literário*, que pode ser definido como espaço social que reúne diferentes grupos de literatos, romancistas e poetas, que mantêm relações determinadas entre si e também com o campo do poder. Assim a tarefa a que o autor se propôs, ao analisar o romance de Gustav Flaubert, era mostrar que a estrutura social na qual o personagem estava inserido era também a estrutura social que estava inserido o seu autor. Facina (2009, p. 09) também nós faz essa alerta:

É necessário, para aqueles que pesquisam literatura e literatos, historicizar radicalmente seu objeto. Por mais que os autores como Dostoiévski tenham muito a dizer à nossa época, sua obra é fruto de seu tempo e, portanto, é historicamente localizada.

Desmistificando também a genialidade do autor, Bourdieu negou a existência de um talento inato do artista, o que podia ser observado, na verdade, era o funcionamento de um *habitus* que mediava as condições objetivas de funcionamento de uma sociedade e as aptidões subjetivas dos membros dessa.

Essa forma de análise empregada por Bourdieu é salutar para romper com a mística em torno da obra literária, que impossibilitava tratá-la sociologicamente. Porém, é necessário que não nos deixemos cair numa outra ingenuidade: a de que a obra é pura e simplesmente fruto do seu tempo, não tendo nenhuma característica atemporal ou transcendente. É preciso que o analista social perceba a potência significativa da estética para não reduzi-la apenas como espelho do social.

A literatura tem nos mostrado várias formas possíveis de interpretar as representações acerca da questão de gênero e geração. Numa tentativa de quebrar os estereótipos, as personagens velhas que eu já tive contato são,

analisados independentemente das características de seus ocupantes [...]. Há leis gerais dos campos: campos tão diferentes como o campo da política, o campo da filosofia, o campo da religião possuem leis de funcionamento invariantes (BOURDIEU, 1983, p.89).

muitas vezes, figurações dessas contradições na construção do imaginário social sobre o feminino e a velhice.

É assim com autoras que fogem da escrita politicamente correta, por exemplo, usando palavras consideradas malditas para representarem o envelhecimento e com mulheres que “escancaram” as angústias cotidianas diante das demandas de “bom comportamento”; caso da escritora Hilda Hilst e suas velhas obscenas; Clarice e Lygia.

Outro aspecto pertinente nas narrativas de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles são as outras escolhas possíveis de viver a velhice apresentadas pelas personagens. Escolhas essas sempre carregadas de culpas, por estarem, muitas vezes, desobedecendo as “regras do jogo de envelhecer”, mas que denunciam as muitas arbitrariedades dos discursos homogeneizadores da velhice.

Não se trata de romantizar a velhice, ou negar discursos, mas sim de perceber e tentar compreender outras maneiras de pensar e viver a velhice com todas as negociações necessárias e realizadas por essas “mulheres fictícias” para darem dignidade a essa etapa da vida. Portanto, fazer sociologia do texto literário, como nos esclarece Leão (2009), *“é, antes de tudo, a compreensão de seu funcionamento social, dos valores e das representações que mobiliza nos atores sociais envolvidos com o trabalho de criação”*.

Para um estudo que se propõe apreender as representações da vida social através de narrativas literárias, articulando representação social e representação literária, a análise da obra não pode estar deslocada da análise do produtor da obra e do receptor da obra.

Para isso, nesse momento, apresento uma breve biografia das autoras que fazem parte da minha pesquisa sobre as representações do envelhecimento feminino, para situá-las na estrutura social em que estavam (e ainda estão) inseridas, não para determinar suas produções, tornando-as apenas reflexos do real, mas para problematizá-las como também produto da vida social. Adianto que tal apresentação tem caráter superficial, mas se faz necessária para a continuidade da discussão.

Para capturar a lógica do mundo social através da análise sistêmica bourdieusiana, é necessário

submergir na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para constitui-las, porem, como 'caso particular do possível, conforme a expressão de Gaston Bachelard, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis (BOURDIEU, 1996, pag. 15).

Para que fuçamos das interpretações que privilegiam a existência exclusiva de um gênio criador, que deve toda sua produção a uma inspiração interna (psicologizada) da escrita literária, focamos na análise conjuntural da produção das autoras escolhidas, na busca de apreender estruturas e mecanismos da relação entre vida social e escrita literária. Criticando as tradicionais formas de análise dos fatos sociais, que priorizam a obra como reflexo do social, Bourdieu diz ser necessário construir:

[...] a estrutura de relações objetivas entre as posições que os agentes ocupam no sistema social. Essas posições determinam a significação e função das práticas e das obras, e também, as posições que os agentes ocupam no campo cultural mais amplo. (BOURDIEU, 1996).

As autoras estão situadas em campos de possibilidade de criação. A sociologia da arte, proposta por Bourdieu, nos aciona, primeiramente, a rejeitar o gênio criador, mas será totalmente necessária essa aversão? Na verdade, o que este trabalho se propõe não é "desencantar" ou retirar a "aura" dos trabalhos feitos por essas mulheres, mas entender suas lógicas criativas de feita.

Quem são essas autoras e de que lugares elas falam? Se, segundo intelectuais, como Maria Rita Kehl (2000), elas constituem um tipo de literatura que ajudou na constituição da "imagem" feminina, que mulheres são essas? E sobre que mulheres elas estão falando? Quem lê essas autoras? Quem escreve e o que escrevem sobre elas? Elas são internacionalmente consagradas como referências literárias. Mas para que alguém/autor seja

aceito num determinado espaço social, ele precisa estar inserido em um campo legitimamente reconhecido. O que o faz ser consagrado? Quem o consagra?

Essas são algumas perguntas que nos instigam a pensar a situação de Clarice e Lygia na literatura (feminina) brasileira. Não é pretensão deste texto tentar respondê-las neste momento, mas é fundamental perseguir algumas dessas “respostas” para que possamos entendê-las como “protagonistas” no campo literário.

Para isso, vamos fazer um levantamento breve sobre suas biografias, relacionando-as ao período histórico, por exemplo, como era a situação familiar dessas mulheres – segundo Bourdieu, o primeiro espaço de socialização do sujeito; a formação educacional que cada uma teve; em que condições começaram a produzir suas obras; qual a situação da produção intelectual feminina e qual era o principal “papel” feminino na sociedade em que estavam inseridas:

1.3. O mundo das autoras

CLARICE LISPECTOR:

Filha de imigrantes ucranianos que vieram para o Brasil fugindo da I Guerra Mundial. Clarice chegou ao Brasil, em 1922, aos dois anos de idade. A família, como conta os relatos, durante toda sua infância, passou por graves crises financeiras. A mãe morreu enquanto Clarice ainda era criança, ficando com seu pai (comerciante) a responsabilidade sobre as filhas.

A autora, apesar das dificuldades, teve uma formação escolar privilegiada. Estudou nos melhores colégios onde morava, como por exemplo o Ginásio Pernambucano, durante o período em que a família residiu no Recife. Aprendeu, no colégio, piano, hebraico, iídiche. Ao terminar o ginásial, Clarice inicia a leitura de grandes nomes da literatura nacional e internacional. Em 1939 (aos 19 anos) ingressa na Faculdade de Direito. Pouco tempo depois passa a trabalhar como redatora e repórter na Agência Nacional. Antes disso fazia pequenos trabalhos de tradução e trabalhou como secretária.

Iniciou sua carreira oficial como escritora em 1942 com o lançamento do primeiro livro (*Perto do Coração Selvagem*). No ano seguinte casa-se com o diplomata Maury Gurgel, mesmo ano em que conclui o curso de Direito. Devido ao emprego do marido, Clarice morou em diversos lugares do mundo. Teve dois filhos. Suas atividades familiares a afastaram das redações, mas não impediu que continuasse produzindo livros e fazendo parte do mundo literário. Mesmo mantendo essa estreita relação com a literatura, ela não se sentia feliz, como revelava suas cartas a parente e amigos, e, em 1959, se separa de Maury e volta para o Brasil com os dois filhos. Vítima de uma doença súbita, Clarice morre em 1977, um dia antes de seu 57º aniversário. Clarice publicou mais de 20 livros e foi traduzida em mais de 15 países.

Mesmo tentando levar uma vida mais reservada e muitas vezes permeada por angústias e reclusão, Clarice foi reconhecida como grande escritora ainda em vida, o que permitiu que circulasse e fosse bem aceita nas mais importantes rodas da literatura nacional, sempre cercada e elogiada por escritores consagrados.

Numa entrevista da época da faculdade de Direito⁹, recentemente descoberta, Clarice já demonstrava intimidade e segurança ao falar de literatura, fazendo críticas a autores clássicos da literatura mundial e emitindo opinião sobre influências e transformações na literatura.

LYGIA FAGUNDES TELLES:

Lygia nasceu em 1923 em São Paulo, filha de um advogado promotor da justiça e uma dona de casa. Segundo ela, cresceu ouvindo histórias em sua casa; ainda criança era estimulada a escrever suas histórias para contar nas rodas familiares, sempre com temáticas infantis. Assim como Clarice, teve uma educação formal privilegiada. Aos 15 anos seu pai financia a publicação de seu primeiro livro.

Em 1941 (aos 18 anos) ingressa na Faculdade de Direito. Durante os cinco anos em que permanece na faculdade, Lygia passa freqüentar rodas literárias, cafés, livrarias; onde conhece personalidades da literatura nacional:

⁹ <http://editora.cosacnaify.com.br/blog/?p=1758>

Mario de Andrade e Oswald de Andrade, por exemplo. Passa a integrar a Academia de Letras da Faculdade.

Lygia também participa de movimentos políticos, como passeatas contra o Estado Novo. Seus livros passam a ser editados por grandes editoras nacionais (Martins; Mérito; O Cruzeiro; Jose Olympio). Em 1950 (aos 27 anos) casa-se com o jurista Godoffredo da Silva, na época professor da Faculdade de Direito e Deputado Federal, com quem permaneceu casada por dez anos. Em 1960 passa a trabalhar como procuradora do Instituto de Previdência de São Paulo. Um de seus principais livros, *As meninas*, de 1961, foi “inspirado” no momento político do país.

Lygia se aposenta como funcionária pública, recebe muitos prêmios literários, tem vários livros publicados em outras línguas, foi Presidente da Cinemateca Brasileira e é cátedra da Academia Brasileira de Letras.

A vida e a obras das autoras aqui estudadas estão sócio-historicamente situados num momento que a situação feminina na sociedade tomava uma nova configuração. Era um momento de efervescência dos movimentos feministas no país. A atuação feminina passa a ganhar maior visibilidade e crédito perante a sociedade. Não se trata de um movimento que surgiu “do nada” ou “de uma só vez”, mas essas mulheres foram, de certa forma, pioneiras nesse reconhecimento da potência da escrita feminina. São mulheres que mostram indícios de rompimento como as caricaturas femininas vigentes até a época. Nas décadas de 60 e 70, no Brasil, temos uma profusão dos estudos feministas na academia, vindos da paixão e militância política, as novas agentes desse campo de estudo estavam preocupadas em respaldar academicamente a produção feminina.

As autoras aqui estudadas não fazem parte diretamente dessas lutas, mas seus trabalhos, seja no campo literário, político, jurídico, jornalístico ou da educação, também passavam por transformações significativas de participação feminina. As duas tem, em suas vidas, atividades que condizem com a posição favorável para essa nova configuração.

Lispector e Telles tiveram uma configuração familiar bastante favorável para o desenvolvimento de seus talentos literários. Em suas biografias não

constam resistência das famílias quanto ao trabalho das escritoras, pelo contrário, consta incentivo para o desenvolvimento da leitura e escrita.

Com a inserção no mundo literário, suas vidas e escritos são reconhecidos e consagrados. No entanto, não de forma mágica. As duas se destacaram inicialmente nos espaços acadêmicos e de trabalho. Foi através de encontros com pessoas (todos homens) que já eram consagrados no universo literário (e por meio de suas mãos) seus escritos passaram a ter reconhecimento. É verdade que isso é uma estratégia que faz parte do *habitus* do campo literário, por isso a contestação de que esse questionamento de gênero não passa de vitimização da condição da escrita feminina faz-se muito presente nesse âmbito.

Porém, nesse momento não estava só em cheque a qualidade e inovação da escrita, mas se as mulheres seriam capazes de produzir tão bem quanto os homens. Nas críticas sobre o primeiro livro de Clarice Lispector, sua apresentação oficial ao mundo das letras, estava muito presente a fala que ela escrevia tão bem quanto um homem. Questionou-se, inclusive, se não seria um homem usando um pseudônimo feminino.

Clarice Lispector, das duas, era a que mais apresentava desprezo para a preocupação se sua literatura era feminina ou não, chegando a negar essa inquietação. Porém, em suas atividades de trabalho e vida acadêmica, os questionamentos sobre a condição feminina estavam sempre na ordem do dia, como sua participação em um jornal da Faculdade *Pode a mulher trabalhar?*, ao mesmo tempo em que ela assinava colunas em grandes jornais e revistas (com pseudônimos) com dicas de comportamento para as “boas” moças da época. Clarice transitava entre os pólos contraditórios da vida feminina da segunda metade do século XX; entre a tradição e a transformação.

Lygia Fagundes reconhece, em uma entrevista (2008), que seu começo como escritora não era uma situação comum para as moças “do seu tempo”. Quando entrou para a faculdade de direito eram cinco ou seis mulheres, enquanto homens eram mais de 200. Nesse mesmo período, Lygia já escrevia seus primeiros contos. Havia mulheres ligadas à literatura, mas na condição de poetisas; escrever contos e romances não era muito comum para

mulheres, segundo a autora. Além disso, diz que, enquanto autora, é uma testemunha do seu tempo e da sociedade.

A produção delas se situa, cronologicamente, da década de 1940 até os dias atuais. Clarice Lispector, já falecida, produziu até a década de 1970. Lygia, ainda viva, continua produzindo e atuante no campo literário brasileiro.

Os agentes sociais não estão desterritorializados no espaço social, inegavelmente, há uma visão particularizada do mundo, mas é uma visão/consciência localizada (a partir do lugar que ocupa).

Lygia e Clarice tiveram uma formação não muito comum para as moças da geração de 1940. Cursar Direito e freqüentar o circuito literário já socialmente estabelecido não fazia parte do *habitus* feminino da época. Na verdade, elas fizeram parte de um primeiro momento de transformação educacional para as mulheres no país¹⁰.

Assim, quando me proponho a estudar a representação literária do envelhecer feminino e me questiono, quando estudo a metodologia para análise sociológica da narrativa literária, a existência de uma escrita feminina, na verdade, o questionamento deve ser o que significa a existência dessa escrita feminina; porque nós questionamos a existência ou não dessa escrita.

Em uma rápida busca em sites nacionalmente reconhecidos como referência para os estudos de gênero e feminismo, como a Revista PAGU, Revista de Estudos Feministas entre outras, encontramos inúmeros artigos sobre análises da condição feminina a partir dos textos claricianos e lygianos. A produção acadêmica (monografias, dissertações e tese) também não pode ser ignorada. Encontramos referências em áreas como literatura, lingüística, letras, psicologia, psicanálise, sociologia, antropologia.

A vida das autoras e, principalmente, suas produções literárias, são “matéria prima” para pensar o feminino na contemporaneidade. Talvez por isso sejam consideradas autoras “clássicas”, que produziram à frente do seu tempo, pois mesmo décadas depois do início de suas histórias e com uma

¹⁰ Segundo estudos sobre as estatísticas da UNESCO e IBGE sobre a escolaridade feminina e masculina, foi a partir dos anos 1940 que a presença das mulheres nas instituições de ensino torna-se significativa e a distancia entre o grau de escolaridade entre homens e mulheres passa a diminuir. Ver: http://www.didacticasespecificas.com/archivos/publicaciones/1/articulos/Alceu_Ravanello.pdf

configuração social bem diferente da existente na época de suas juventudes, continuam a “inspirar” os estudos sobre mulheres no Brasil, sob os mais variados ângulos da vida na contemporaneidade, como o envelhecer feminino, por exemplo.

As narrativas não precisam ser de cunho militante para que sejam identificados como transgressores ou questionadores do seu tempo, pois passam a exercer essa função a partir do momento que a poesia revela as contradições do cotidiano. Essas mulheres não faziam, e não fazem, uma literatura militante, mas possibilitam que sistemas sejam revistos, através de estudos que partem deles, contribuindo para esses questionamentos sem ter, inicialmente, a pretensão de fazê-lo¹¹.

Como essas mulheres estão situadas num tempo e espaços sociais em que estão inseridas, e são produtos e produtores desse meio, suas narrativas permitem acessar a realidade social feminina.

A escrita das autoras é bastante difundida em todo o mundo, mas a leitura dessa não é universal. Essa produção tem públicos específicos que se tornam fãs e leitores assíduos. A academia é um lugar privilegiado de produção de leitores dessas narrativas. Não é de forma alguma uma exclusividade da academia a leitura dessas mulheres, mas é nesses espaços que encontramos seus maiores públicos. Fora da academia, cabe questionar sobre quem são os leitores das escritoras aqui apresentadas.

Durante a pesquisa, algumas mulheres relataram dificuldade para ler alguns textos da Clarice Lispector. Acharam a leitura difícil: “não consegui entender bem o que ela quis dizer, é um pouco confusa”, falou uma das senhoras. Mas é necessário lembrar que nenhum dos participantes do Criação Literária se disse leitor de Clarice ou Lygia. Todos já tinham escutado falar sobre elas, alguns já até leram um ou outro texto delas, mas não há leitores de Clarice ou Lygia no Grupo.

¹¹ Lygia Fagundes Telles, por exemplo, em suas tantas entrevistas dadas sobre a condição feminina, diz ter consciência que participou de um momento muito importante de transformação da situação de opressão feminina, mas esclarece que nunca foi militante e hoje faz fortes críticas ao movimento feminista. Segundo a autora, as conquistas foram importantíssimas, mas as mulheres acabaram ficando perdidas com tanta liberdade e como só tinham o referencial masculino, acabaram copiando e se tornaram mulheres amarguradas, pois acumularam suas tarefas “femininas” mais as “masculinas” (como mercado de trabalho, mundo do conhecimento, cargos de chefias, etc.).

É verdade que elas já estão inseridas num campo legítimo e reconhecido do cânone literário mundial, não precisando de muitas justificativas para a leitura de suas obras, mas as disposições que configuram suas escritas se refletem nas escolhas dos leitores, assim como de seus analistas.

1.4. Análise dos discursos e estética da recepção

“toda e qualquer fala é dialógica, na medida em que é atravessada por inúmeras outras fala”. Bakhtin

Na análise do discurso de textos literários é crucial começarmos desvelando os espaços de enunciação dos sujeitos envolvidos no trabalho: autor da obra escolhida, pesquisador e leitores. Quem são essas pessoas? De que lugares elas falam? Porque elas foram escolhidas? Que relevância têm para o estudo proposto?¹²

Permite acessar os vários sentidos possíveis às interpretações dadas de fatores exteriores ao texto. Para que essa possa se dar de forma mais abrangente, é necessário “desvelar o espaço de enunciação dos sujeitos envolvidos” – aqui entendidos como autoria, leitura e interpretação, nas figuras dos autor, analista social da obra e do leitor (FERNANDES, 2009).

O conceito de DIALOGISMO de Bakhtin é fundamental para completar as referências sobre a crítica a sacralização dos autores e obras. Para a análise da linguagem literária é necessário uma sociologia da literatura, pois as vozes que povoam o texto (vozes no plural porque para ele não existe uma voz única, isolada) são sociais e históricas. Nas palavras do autor:

¹² Utilizaremos aqui, também, o conceito foucaultiano FUNÇÃO-AUTOR para entender a importância do “nome” do autor para a análise, pois não é só um nome, mudá-lo implicaria mudança completa do que se tinha feito até aí.

Todas as palavras e as formas que povoam a linguagem [literária] são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição sócio-ideológica diferenciada do autor no seio das diferentes discussões de sua época (BAKHTIN, 1990, p. 106).

Essa concepção dialógica se apóia na ambivalência presente na escrita, pois tanto o texto está na história quanto a história está no texto (FERNANDES, 2009). Uma chave analítica para a melhor compreensão desse movimento é o conceito de “intertextualidade” e “atitude responsiva ativa” usados por Julia Kristeva (1974), ao resgatar os conceitos bakhtinianos, que reavaliam a importância do entendimento da relação mútua entre leitura e escrita. O autor da obra literária, na maior parte das vezes, revisita os aspectos do presente e do passado nas suas leituras, que refletem em seus escritos. Já os leitores, ao se depararem com a escrita, reconstroem e re-significam o percurso dos escritos numa “atitude responsiva ativa” (FERNANDES, 2009).

É assim que a recepção das narrativas literárias com os sujeitos da pesquisa nós fez acessar como a atividade da leitura funciona, para as mulheres em processo de envelhecimento, em prática de construção (ou reconstrução) das identidades individuais e coletivas, compreendendo as figurações sociais, na sociedade contemporânea, referentes à condição feminina ao se depararem com a velhice. A recepção funciona como momento de partilha das figurações, visto que a velhice não se reduz a uma forma única ou universal, mas sim como um processo que vivenciado e sentido de inúmeras formas, muitas vezes contraditórias, dependendo da visão de mundo e das redes sociais daquelas que estão passando por ele.

A referência para o conceito de estética da recepção, aqui usada, é, principalmente, de Hans Robert Jauss (1979) e de uma de suas discípulas no Brasil, Regina Zilberman (2009). Rompendo definitivamente o laço com as teorias que sacralizam as manifestações da arte, o autor centra sua investigação na *praxis estética*, nas perguntas sobre a manifestação histórica nas três funções básicas da atividade produtiva, receptiva e comunicativa (*poíesis, aisthesis e karthasis*).

Jauss leva a pensar numa *consciência estética*, que exige dos estudos sobre as artes, principalmente a literatura, um foco sobre o leitor (ou a recepção), e não apenas no autor e na produção. Para isso ele define a *função social da arte* como sendo o relacionamento entre texto e o leitor.

O autor enfatiza a diferença entre interpretação e recepção, que para alguns a diferenciação é clara e tranquila, mas para outros a confusão entre as funções acabam por comprometer a qualidade dos estudos. A recepção estética não tem como ponto de partida a interpretação e compreensão do significado da obra escolhida para apreciação, muito menos pela consciência imediata da necessidade de reconstruir o percurso e da intenção o autor. Para ele a experiência primária da recepção da arte realiza-se na *compreensão fruidora* e na *fruição compreensiva*¹³. Pois ao ignorarmos que a arte é feita, principalmente, para a apreciação (ou não) do seu público e acreditarmos que foi feita para o estudo interpretativo cairemos numa presunção que, segundo Jauss, pertence aos filólogos. É preciso abandonar o estudo da arte *como fim em sim mesma*.

Literatura é comunicação. Através desse pressuposto poderemos dar conta do dinâmico processo que envolve a recepção literária, compreendendo a complexa relação entre texto e leitor, movimento que forma a “tríade básica” (produção, reflexão e recepção) para as pesquisas inseridas no campo da sociologia da literatura, pois quando o receptor da obra é esquecido e a análise se fecha numa interpretação imediata e restrita apenas dos elementos de produção/criação (autoria – obra) a potência da literatura perde sua forma principal que é a comunicação. Comunicação, aqui, entre quem produz e quem recebe e os efeitos que esse encontro pode desencadear para os aspectos da vida social dos indivíduos envolvidos.

A conceitualização de leitor usado por Jauss leva em consideração duas categorias:

a de horizonte de expectativa, misto dos códigos vigentes e da soma de experiências sociais acumuladas; e a da emancipação, entendida como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu

¹³ “Processos que ocorrem simultaneamente e indicam como só se pode gostar do que se entende e compreender o que se aprecia” (ZILBERMAN, 2009. p. 53).

destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade (ZILBERMAN, 2009. p.49).

Por meio do contato com a literatura, o leitor pode entrar num campo muitas vezes “obscurecido” ou esquecido da vida social que é o questionamento das condições dadas e vividas no cotidiano. Na perspectiva da *função social da literatura*, aqui usado como referencial, que vem da relação texto-leitor, a comunicação desempenha um papel ativo na medida em que o texto literário não se reduz apenas à reprodução ou reflexo da vida social, mas sim porque demanda um envolvimento intelectual, sensorial e emotivo do leitor com a obra, e *aquele tende a se identificar com as normas presentes nele, transformadas, assim, em modelos de ação* (ZILBERMAN, 2009).

Para o entendimento dessa comunicação é preciso contextualizar autor, obra e leitor. Num movimento contínuo e dinâmico entre produção, recepção e reflexão, entendidas aqui nas figuras do autor, do leitor, e do crítico/analista, realizam-se as atividades reflexivas que permitem o desenvolvimento da *função comunicacional da arte*, mas claro que, na maioria das vezes, as reflexões são feitas de forma diferenciadas, já que os referenciais são distintos, no entanto todas são legítimas e fundamentais para a comunicação proposta.

Não se trata de voltar a romantizar a presença da literatura na vida dos indivíduos, mas reconhecer o poder que ela exerce em muitas delas. No Brasil a relação das pessoas com a leitura regular ainda está muito longe de se tornar significativa¹⁴, daí um dos nossos maiores problemas quando resolvemos trabalhar com grupos de leitura: como não há um habito de leitura entre a massa populacional, parte-se da ideia de que as pessoas, de imediato, não topariam utilizar a leitura como ponto de apoio para a reflexão¹⁵ de suas condições de vida.

¹⁴ Segundo a última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - 2008, realizada pelo Instituto Pró livro, O índice de leitura no Brasil aumentou 150% nos últimos dez anos. Passou de 1,8 livro por ano em média, para 4,7, o que significa uma melhoria, mas ainda considerado, por especialistas, muito longe do índice ideal.

¹⁵ Alias a reflexão também faz parte desse imaginário. Acredita-se que isso não passa pelo interesse real do povo brasileiro, que é uma atividade restrita e super elaborada.

No entanto, isso não impede que muitos trabalhos sejam desenvolvidos com sucesso articulando leituras e mudanças nas percepções da vida. Dentre alguns estudos¹⁶ sobre a potência da literatura para a vida dos seus leitores, a ressaltam-se aqueles que ajudam a pensar o poder que ela exerce sobre a vida dos sujeitos. Trabalhos como o de Michèle Petit (2009), Todorov (2009), Eneida de Souza (BARTUCCI, 2009) permitem perceber como a leitura pode transformar a vida dos sujeitos.

“A cor da letra”, por exemplo, projeto estudado por Michèle Petit (2009), desenvolve, desde 1998, projetos centrados na leitura e literatura em vários estados brasileiros, principalmente na região norte, recrutando e capacitando pessoas que não tinham nenhuma ligação com livros e leitura. O público alvo das atividades são crianças e adolescentes em situação de risco. Em parceria com instituições que realizam outros trabalhos com esses meninos, eles introduzem a leitura na vida deles e colecionam depoimentos de meninos e meninas que entendem que suas vidas se transformaram após a entrada da *Cor da letra*.

Petit realizou um estudo sobre a potência da literatura nos tempos de crises. A ideia de que a literatura possui poderes reparadores, capazes de contribuir para o bem-estar e mudanças nos comportamentos, atravessa séculos. Em seu livro ela recolheu exemplos de leitores que encontraram nas leituras uma forma de (re)construção de sentidos.

É neste sentido a pesquisa de Eneida de Souza (BARTUCCI, 2009) caminha. Ao estudar a repercussão de um clássico da literatura mundial, *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, ela se questiona sobre o lugar ocupado pela literatura, acreditando que o lugar é o da “construção da rede imaginária que une situações pessoais vividas na realidade como repetição de outros criados pela ficção” (2001, p. 129). Assis talvez fique mais fácil de entender o fascínio dos sujeitos pelo outro. Para isso, entende que a intertextualidade vai além da relação entre textos, pois desloca o texto ficcional para o texto da vida.

¹⁶ Ver BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1999.; MORAIS, Jose. *A arte de ler*. São Paulo: UNESP, 2001.; SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.; FAGUET, Emile. *A arte de ler*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2009.; TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Maria Rita Kehl (2000, 1998), ao tentar compreender a constituição do sujeito feminino na modernidade, faz um contraponto com a literatura moderna, que segundo ela, foi fundamental para entender a constituição de uma “subjetividade feminina”. Essa literatura tem como característica principal contar histórias de homens e mulheres “comuns”, que tentam dar sentido e um lugar para suas vidas dentro de uma sociedade cada vez mais instável, que exige dos sujeitos uma consciência e segurança que vão a desencontro com as estruturas sociais oferecidas a eles. As personagens encontradas nessa escrita moderna não são mais grandes heróis, dignos de adoração por grandes feitos, mas sim pessoas ordinárias, “normais”, que apresentavam as fraquezas humanas. Os leitores passam a encontrar nas narrativas seus conflitos e dilemas existenciais. O cotidiano, o comum, o simplório, o banal eram também, agora, dignos de atenção e reflexão.

Assim sendo, passamos a encontrar no romance moderno a voz da diferença, da divergência e do desamparo (KEHL, 2000).

A experiência da leitura, principalmente para as mulheres do final do século XIX – com os limites domésticos e familiares ainda muito determinantes e opressores –, autoriza essa mulher a reconhecer sua diferença, pois mesmo sendo um ato solitário, a leitura cria um campo de experiência compartilhada, dando a elas um referencial simbólico em resposta à crise na relação do indivíduo com a tradição.

É pensando nessas mulheres e história “comuns”, que nos revelam essa divergência entre o que se sente e quer para si e o que é oferecido e esperado socialmente, que escolhi as personagens velhas claricianas e lygianas. Estas me puseram em funcionamento o exercício de questionar a condição da velhice feminina, com suas culpas e lutas cotidianas no enfrentamento ou resignação da situação que se encontra e da forma como são julgadas.

O foco da discussão e preocupação em compreender a literatura como campo de estudos sociológicos, aqui, é para desenvolver a pesquisa que pretende partir do encontro do “mundo do texto” com o “mundo da vida” para alcançarmos os meandros e teias que envolvem a velhice feminina na contemporaneidade.

1.5 Trabalho Social com Idosos - TSI

O “lugar” escolhido para o desenvolvimento da pesquisa é o Grupo de Criação Literária para idosos, desenvolvido pelo núcleo de Trabalho Social com Idosos – TSI, do Serviço Social do Comércio – SESC/Ceará.

O atendimento especial para pessoas idosas no SESC iniciou na década de 1960, quando se observou, no núcleo de São Paulo, isolamento e exclusão dessas pessoas nas suas dependências, principalmente decorrente da aposentadoria que caracterizava uma perda dos papéis socioeconômicos dessa população.

Eles procuravam por atividades que ocupassem seu tempo livre, mas não buscavam os serviços usualmente oferecidos pelo SESC e continuavam ocupando os espaços mesmo após o término das atividades, tornando o lugar em “espaços de convivência”. Na tentativa de atender esse público específico, passou a oferecer atividades de lazer voltadas para a “terceira idade” com o objetivo de: “ocupar parte do tempo livre dessa clientela e proporcionar-lhes, através de práticas de lazer, relações de camaradagem e companheirismo” (SESC, 2009, p. 22).

Com o passar do tempo, o trabalho foi-se ampliando para os departamentos regionais, buscando adaptar as atividades as realidades locais. Desenvolveram, através de atividades sistemáticas pautadas na metodologia de grupo, os “grupos de convivência”, colocando o idoso em contato com um maior número de pessoas de sua idade e de outras gerações.

Posteriormente o programa foi “aperfeiçoado” para ir além das atividades de lazer. O foco, agora, passa a ser o que eles chamam de interesse direto dos idosos: promoção da saúde, socialização, promoção da autoestima e maior independência.

A Política Social do SESC para os idosos oferece espaços para o lazer, a cultura e o convívio, nos quais em todas as suas atividades e ações estão presentes as intenções socioeducativas que possibilitam ao idoso ter uma melhor compreensão de sua cidadania, do seu

papel social, recuperando sua autoestima e autonomia. Assim o idoso pode se pôr como sujeito de sua história de vida, interferindo e contribuindo para as mudanças na comunidade (SESC, 2009, p. 23).

O atual objetivo principal do TSI Nacional é oferecer atividades que promovam o envelhecimento ativo em todas as suas atividades, através, primordialmente, da formação de grupos, entendidos como fator crucial para o “reconhecimento interpessoal, sentimento de pertencimento, criação de objetivos comuns, coesão, trocas afetivas e cognitivas”.

Até a publicação, em 2009, do Módulo Político do TSI, esse trabalho é desenvolvido em 27 Estados, em cerca de 150 municípios, atendendo cerca de 150.000 (cento e cinquenta mil) idosos.

TSI Fortaleza

O Trabalho Social com Idosos no SESC Fortaleza iniciou em 1983, com o assistente social Elísio Loiola. Hoje, o TSI atende 2.560 idosos e oferece cerca de quarenta atividades para esse público. Os idosos se dividem em grupos de sua preferência.

O TSI tem cinco Linhas de atuação: memória e história de vida; promoção da saúde e qualidade de vida da pessoa idosa; direitos sociais e cidadania; expressões artísticas/culturais; espiritualidade; intergeracionalidade e protagonismo da pessoa idosa.

Segundo uma das assistentes sociais responsáveis pelo TSI, Ingrid Rochelle, a maior demanda dos idosos é participar de atividades físicas, de atividades de informática e idiomas e da terapia ocupacional.

Para fazer parte desse grupo maior é preciso ter 50 anos¹⁷ e estar interessado em participar das atividades oferecidas. O procedimento é simples: durante o período de inscrição o idoso procura o TSI e diz que quer fazer parte

¹⁷ Essa idade foi alterada para sessenta anos, no início de 2012. O TSI não vai desligar as pessoas com menos de 60 anos que já estavam ligadas ao programa antes da mudança, mas não irá mais receber idosos com menos de 60 anos. Nos últimos meses de pesquisa, estudei da equipe de profissionais do TSI que estava ficando muito difícil manter o trabalho, por a demanda estava ultrapassando a estrutura física e financeira do programa. “Essa mudança faz parte de uma reestruturação que o TSI está passando para continuar atendendo bem os idosos que nos procuram”, disse uma das assistentes sociais.

do Grupo. Posteriormente o SESC liga para a pessoa e marca uma entrevista de ingresso. Neste momento, é feito o que eles chamam de *anamimese social*.

Isto é para conhecer o perfil do idoso que tá chegando ao TSI, diz a assistente social. Como é situação socioeconômica do idoso; como é a relação familiar; o que ele faz; o que gosta; quais são as necessidades; quais atividades chamaram atenção; porque ele tá procurando o Sesc. E isso tem sido muito importante para a equipe, pois com essas entrevistas conseguem identificar demandas que passariam despercebidas numa inscrição “tradicional” (só com documentos).

Como exemplo disso, Ingrid me falou que na última avaliação desses ingressos, constatou uma grande presença de mulheres entre 50 e 55 anos que estão em processo de aposentadoria e não estão sabendo lidar com a “proximidade” da velhice. É como se elas estivessem se tornando “desnecessárias”. E ainda vivem com o dilema corpo e sexualidade. Elas dizem que não sabem como fazer; o que fazer. Não sabem como lidar com seus corpos envelhecidos e com o desejo, que continua a existir, mas que agora vive rodeado de culpa e “fiscalização”.

Muitas mulheres procuram o SESC porque vão ao médico pedindo orientação para lidar com seus “novos” problemas e eles sugerem que elas procurem o SESC para fazer atividades que preencham o tempo, agora, livre e para que tenham contato com outras pessoas que estejam na mesma situação e juntas encontrem “soluções”.

Como o SESC é uma instituição privada, é necessário pagar uma taxa de R\$29,10 no ato de inscrição e R\$3,10 por mês para manter sua matrícula ativa. Com esses valores eles passam a ter os mesmos descontos que o comerciário (público principal do SESC) tem nas atividades oferecidas além de ter acesso a programação gratuita que o TSI oferece mensalmente.

1.6. Grupo de Criação Literária – CL

O grupo de Criação literária faz parte da linha de atuação “Expressões Artístico-culturais” e é uma atividade gratuita. Fundado em 1995, o grupo se reúne semanalmente (atualmente todas as segundas-feiras, de 09:30 as 11:30)

com a presença de um mediador. Há dois anos essa função é exercida por um professor de literatura, Márcio, que conduz e organiza as atividades do grupo e tira dúvidas sobre a escrita literária.

O grupo, hoje, é formado 25 idosos (com matrícula ativa) entre 50 e 80 anos, dos quais 20 são mulheres. O mediador afirma que nunca tem a presença de todos nas reuniões, fica em torno de 12 a 15 pessoas por encontro, o que pude constatar em minhas visitas iniciais, mas há aqueles que sempre estão presentes as reuniões; são presenças certas. Raramente tem-se a presença de mais de três homens por reunião. As mulheres “dominam” completamente a local.

Dinâmica do grupo: na primeira metade do encontro, o professor ou um dos participantes escolhe um tema qualquer e leva um texto para ser lido coletivamente (cada participante ler um trecho do texto). Pode ser um conto, uma crônica, uma poesia, um fanzine, enfim. Não importa muito o tamanho do texto. Até prefere-se os maiores, porque assim todos conseguem participar da leitura. Depois eles fazem comentários sobre o tema escolhido. Fazem uma reflexão sobre o que acharam do texto e do assunto. Avaliam o posicionamento do autor, discutem se concordam ou não e como eles escreveriam sobre. Durante esse momento, eles também tiram dúvidas com o professor a cerca da produção de texto.

Na segunda metade do encontro, depois de uma pausa de 5min para o café (e é realmente muito rápida, a pausa), eles fazem a leitura da produção deles. Geralmente o assunto discutido no dia vira tema para a escrita dos textos que serão lidos no próximo encontro, mas não é restrito. Eles podem levar qualquer texto que eles tenham produzido durante a semana.

Isto é o funcionamento “normal” do grupo, mas eles também fazem outras atividades como passeis a exposições, museus, etc. e fazem dias de encontro especiais que chamam de “Momento Poético”. Neste dia prioriza-se a leitura dos textos feitos por eles e podem ter convidados ou não. Em geral esse momento é motivado por datas especiais, como foi com o Dia das Mães.

Há, ainda, a produção do *Café Literário*. É um encontro temático aberto ao público realizado a cada dois meses, que apresenta a produção do “Criação Literária”.

O grupo:

A encontro com “Criação Literária” foi meio “sem querer”. Isto porque não sabia de sua existência. minha ideia inicial era convidar, aleatoriamente, algumas mulheres envelhescentes para fazer leituras dos textos que irão compor o *corpus* da pesquisa. Por isso procurei a assistência social do SESC, por acreditar que seria mais plausível se os encontros fossem com mulheres que estiverem no movimento de pensar e “cuidar” de sua velhice.

Mas quando conheci o grupo, vi que seria infinitamente mais rico trabalhar com um grupo que já está ligado a literatura; que já faz parte de seu dia a dia pensar e questionar aspectos da vida a partir dela.

Assim, me apresentei ao professor/mediador e aos participantes, que logo me receberam e se dispuseram a cooperar com a pesquisa, principalmente as senhoras. Ficaram interessadas na pesquisa e acharam “curioso”, mas muito “legal”, uma moça estudar a velhice.

A literatura faz parte do cotidiano da maioria deles, independente de participarem do grupo ou não. Seis participantes são membros da Academia Cearense de Letras e alguns já publicaram livros (individuais ou texto em coletânea). Participam constantemente de concursos literários e de outros grupos de literatura, inclusive do SESC.

Nos capítulos seguintes, faremos uma análise da relação das mulheres com a literatura numa tentativa de alcançar a potência da arte literária em suas vidas, analisando o quanto a literatura é ou não fator diferenciador, como foi relatado por algumas, para suas relações com o envelhecer. Assim como nortearmos a discussão sobre o envelhecer na contemporaneidade pela análise dos contos e do encontro entre as mulheres reais com a as mulheres fictícias.

Capítulo Segundo

A leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços e hábitos. (Roger Chartier)

2. 1. A Ficção como “horizonte do mundo”

“Que é que eu posso escrever? Como recomeçar a anotar frases? A palavra é o meu meio de comunicação. Eu só poderia amá-la. Eu jogo com elas como se lançam dados: acaso e fatalidade. A palavra é tão forte que atravessa a barreira do som. Cada palavra é uma ideia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento. Devemos modelar nossas palavras até se tornarem o mais fino invólucro dos nossos pensamentos. Sempre achei que o traço de um escultor é identificável por uma extrema simplicidade de linhas. Todas as palavras que digo – é por esconderem outras palavras”. Clarice Lispector¹⁸.

¹⁸ http://www.releituras.com/clispector_escrita.asp

“O leitor não sabe, mas ele me ajuda, é um cúmplice, no melhor sentido da palavra. Quando escrevo, eu estendo uma ponte e digo “venha”. De certa forma, eu me desembrulho para estender essa ponte, e o leitor, do outro lado, também se esforça e se desembrulha para aceitar o meu convite. Certa vez, eu estava falando numa universidade, dizendo justamente isso, que através da palavra, quem sabe, eu conseguisse tocar num ponto importante, ajudar de alguma forma, ou talvez tudo isso fosse apenas loucura. No final da apresentação, um jovem se aproximou e me deu um bilhete que dizia: “Não é loucura, não, Lygia. Em muitos momentos, seus contos aliviaram o meu desespero”. Então, não é sonho. A palavra consegue ajudar o meu próximo”¹⁹.

A partir da escrita e da leitura, os sentimentos conseguem atingir a oralidade, fazendo com que seus “possuidores”, ao se escutarem, possam pensa-los, analisá-los, entendê-los e assim se tornarem donos daquilo que possuem, mas que nem sempre é possível entender.

As palavras de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles refletem, em muitos momentos, os sentimentos descritos pelos participantes do CL. Que entendem e fazem da escrita e da leitura um momento de entendimento do mundo e de si. Com as palavras literárias, eles dizem alcançar pensamentos que não tinham sem elas; dizem que passaram a enxergar aspectos da vida de forma diferente. Através das leituras e da escrita, afinal são leitoras-esritoras, é possível uma construção dos sentidos.

Dando continuidade a discussão iniciada no capítulo introdutório sobre o poder da escrita literária, vamos desenvolver nesse momento, uma reflexão sobre o que significa para os participantes do Grupo *Criação Literária* e do TSI a relação que mantêm com a literatura. Por que a literatura? Qual o fator de diferenciação²⁰?

¹⁹ Lygia Fagundes Telles em entrevista Concedida a Revista *Marie Clarie* ver em:

<http://aartenaface.blogspot.com.br/2011/04/lygia-fagundes-telles-e-entrevistada.html>

²⁰ Pergunto isso por ter escutado de muitos participantes do TSI que os grupos ligados às manifestações artísticas são diferentes dos outros grupos, como os de curso de informática, exercícios físicos, cursos de línguas, etc.; eles, na verdade, criariam vínculos diferenciados. Ouvi de um deles que esses grupos desenvolvem nos seus participantes um sentimento de pertencimento que transformam seus cotidianos.

A capacidade de ler, que, grosso modo, pode ser inicialmente classificado por alfabetizados e não alfabetizados, sempre foi fator de diferenciação social. Roger Chartier (1991) nos lembra de que após essa separação para qualificar as competências iniciais de leitura, há uma diferenciação a ser feita entre os leitores aptos para determinadas leituras dos que não são, pois existe grande diferença entre os mais letrados e os “menos hábeis” – aqueles que são obrigados a oralizar o que leem para compreender: segundo o autor, isso faz diferença na hora de se sentir a vontade com certos tipos de leituras e formas textuais.

Isso reflete diretamente nos interesses e expectativas que os leitores têm com os textos lidos e, imediatamente, na construção dos sentidos feitos a partir daquelas.

Voltar as atenções para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem todas as inteligências nem as ideias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 1991. pag. 09)

A leitura dos textos no grupo, não só os sugeridos por mim, causou uma certa quietude nos participantes. Há, sempre, um pequeno momento de silêncio, como se estivessem inibidos. O início das conversas sempre era sobre o estilo literário ou com alguma dúvida da escrita do texto em si, até que alguém se identificasse com alguma passagem do conto e contasse uma história sua que o texto fez lembrar; aí, sim, entrava-se na temática do texto.

Nas leituras sugeridas por mim, tinha a impressão que as opiniões eram dadas de forma modesta (alguns relataram receio de falar bobagens por não se sentirem aptos para falar sobre os textos – ao ler Clarice Lispector algumas mulheres falaram sobre a dificuldade de entender o que a autora queria dizer – isso vem, talvez, da não proximidade delas com os textos da Clarice; todas já tinham ouvido falar da autora, e até mesmo já lido algum texto, mas nenhuma é

leitora clariciana) então, eles falavam sobre os sentimentos das personagens e o que esses lembravam de suas próprias histórias para nortear suas falas. Me parecia uma busca de *sentimentos comuns* para conseguir “chegar” ao texto, e era isso que ligava as mulheres no *mundo da vida* as mulheres fictícias.

Na minha infinita angústia de estudante/pesquisadora de gênero (e da condição feminina), fui para as visitas ao grupo de Criação Literária acreditando/desejando encontrar senhoras que estivessem pensando (e buscando) – talvez de forma eufórica – suas condições de mulheres e de velhas, como se eu fosse encontrar a “fórmula mágica” de viver uma nova/outra “velhice possível”.

Mas, claro, não encontrei esse “caldeirão borbulhante/fervente”. Encontrei, sim, mulheres (e alguns homens também) que reverenciam a literatura e que amam sua intensidade e leveza para ver e pensar a vida. Isso, na verdade, não deixou de me parecer uma situação extraordinária para aquelas pessoas. Pude perceber que sem aquele grupos muitos estariam mais infelizes, o que foi possível entender melhor nas falas durante os encontros.

Descrevo aqui algumas falas sobre os motivos de ingressar no CL:

“quando era jovem, ao fazer um teste vocacional, descobri que tinha três caminhos possíveis como vocação: jornalismo, o ensino e as artes. Mas a vida me levou por outros caminhos. Escrevi só para mim durante esse tempo. Mas agora com a aposentadoria, estou desenhando, pintando e escrevendo. Agora tenho tempo para desenvolver esse projeto pessoal que foi ‘abafado’ por todo esse tempo”²¹.

A busca por um envelhecer ativo traz para essas mulheres a possibilidade de rever sonhos e demandas pessoais que, talvez, nunca fosse possível em outros tempos. A existência de lugares próprios para isso faz com que elas realizem essas vontades de forma regular e “autorizada”.

²¹ Aviso que não utilizarei o nome das mulheres no texto. O capítulo que segue este, traz depoimentos relacionados a vida íntima das participantes do grupo. Para resguardar suas histórias e intimidade, oculto seus nomes.

A presença das falas médicas dá um tom de necessidade para essas atividades, como se, até agora, essa fosse a “fórmula mágica” para evitar os processos não desejados que o envelhecer traz para as pessoas. (não se trata de uma exaltação ao envelhecer ativo proposto per essas instituições; ainda há muito para rever e questionar, mas esse é uma fala comum entre os idosos que frequentam o TSI, assim, não podemos ignorar a importância dele para a vida delas).

Toda a visibilidade alcançada pela velhice, hoje, é marcada, segundo Guita Debert (2004), pela criação e desenvolvimento de instituições e associações para pessoas velhas, iniciados, principalmente, pelas associações de aposentados, na luta pela garantia dos direitos à previdência social. A partir daí a luta se estende para outros aspectos como garantia à saúde, acesso a educação (por exemplo, as Universidades para a terceira idade) todos culminando no que foi denominado Programas para a Terceira Idade²².

O diferencial desses programas, esclarece a autora, é que eles têm a idade cronológica como “elemento fundamental de aglutinação dos participantes”, diferente dos filantrópicos que, mesmo tendo os velhos como um dos públicos principais, tem outros fatores como foco dos trabalhos.

Um fato relevante levantado por Debert (2004) é que, no Brasil, o público feminino é a grande maioria nos programas para a terceira idade (chega a ser 80% de mulheres), o que pude comprovar nas visitas ao TSI. Há pouquíssimos homens circulando pelos espaços e fazendo as atividades. Realidade que está mudando, segundo as assistentes sociais, mas de forma ainda muito modesta.

A filosofia dos “grupos para a terceira idade” tem a característica de posituação dos discursos sobre o envelhecer. Mesmo sem negar as “desventuras” causadas pelo envelhecimento, os atores desses programas tomam para si a filosofia e passam a utilizá-la como ferramenta de entendimento e melhoramento de suas velhices. Buscam, incansavelmente, os

²² “Terceira Idade” é uma expressão que, recentemente, popularizou-se com muita rapidez no vocabulário brasileiro. Mais do que referencia a uma idade cronológica, é uma forma de tratamento das pessoas de mais idade, que ainda não adquiriu uma conotação depreciativa. A expressão originou-se na França – país onde os primeiros gerontólogos brasileiros foram formados – com a implantação, nos anos 70 das “Universités du Troisième Age (DEBERT, pág. 138, 2004).

pontos positivos de envelhecer e desejam prolongar suas vidas ao máximo e de forma ativa e agradável.

“aqui, no CL, nós temos uma opinião sobre o que nós escrevemos (dos colegas e do professor), é uma atenção que não temos em casa, por exemplo. Aqui é um espaço nosso: para compartilhar, crescer, aprender, se expressar, produzir, etc.”.

“a literatura tem um significado especial, para mim, na velhice, porque agora tempo para lembrar minha vida com tudo que carrego nessa bagagem que já me pesa pelo caminho percorrido. Claro que procuro ver as coisas melhores, que fizeram e fazem minha história. E isso é maravilhoso porque consigo viver cada coisa bonita e gostosa, o que me deixa bem e renovada. O envelhecer, para mim, agora, significa viver uma estação como muitos anos para frente...”.

“a literatura é uma oportunidade de deixar registrado o meu ontem, o hoje e minhas perspectivas do amanhã, através de uma visão crítica e questionadora”.

“estar no Criação Literária é servir de exemplo, ser referencial em fazer parte de uma “minorias” culta, cujo nível favorece nossa auto-estima, estimulando-nos a não acomodar, a não parar nunca”.

O grupo de Criação Literária, assim como os outros grupos ligados as manifestações artísticas, tem um marco de distinção, que dá aos seus participantes um aspecto mais culto, mais sensível. A Sociologia da Leitura,

num estudo do poder *emancipador* da leitura, faz um resgate histórico que vem do tempo das Luzes²³, quando

o uso da leitura e a escolha dos textos fugiram da tutela dos poderes estabelecidos, e o leitor procurou nos livros coisas diferentes da palavra institucional. Instruídos a ler a palavra sagrada, os leitores emancipavam-se e procuravam a leitura que lhes convenha, tanto para distrair-se quanto para instruir-se, ou para abrir-se ao pensamento das Luzes (CHANTAL & SEGRÉ, 2010, pág. 53)

a leitura foi por muito tempo uma prática das elites, que detinham a posse dos livros por motivos econômicos e sócio-culturais. *Ter um nível de instrução elevada era símbolo de êxito social*, segundo os autores, o livro foi o cimento da socialização culta e mundana. Poder ler passou a ser meio de instrução, distração e elemento de distinção. Os mais cultos *desprezavam a incultura das pessoas do povo que se limitavam a uma leitura repetitiva, que lhes parecia vazia de sentido* (CHANTAL & SEGRÉ, 2010).

Quando a leitura tornasse mundana, ela abre as portas para pensar o cotidiano, o banal, o ordinário, fazendo com que seus leitores pensem, também, suas vidas. O texto deixa de ser “sagrado” e passa a pertencer ao mundo. Com o passar dos séculos e a expansão da literatura em geral, a realidade modifica-se e os livros passam a pertencer à realidade todas as classes sociais.

No entanto, continua, até os tempos atuais, fator de diferenciação social. Em um país onde os índices de educação formal ainda estão longe de alcançar a toda à população, como é o caso do Brasil, instrução, acesso a livros e leitura ainda são fatores de distinção.

2.2. “O testemunho como Invenção”

“A literatura representa a necessidade de dizer o que vai à minha alma” Cleody Virgínia²⁴.

²³ Os autores se referem ao Iluminismo, movimento cultural da elite intelectual da Europa do século XVIII.

O Poder de “afetar” que a literatura tem sobre seus leitores é o grande diferencial nesse grupo. A maioria entrou no grupo com o intuito de ocupar o tempo ocioso trazido pela aposentadoria e pela maior tranquilidade da vida familiar, mas relatam que a relação com a literatura se tornou algo com sentimentos diferenciados, pois trouxe um envolvimento emocional e conhecimento de si que, talvez, não fosse possível com outras atividades, pelo menos, para elas não foi.

Elas relatam seus desejos/sonhos, angústias, críticas, amores (esses são protagonistas), experiências, enfim o CL funciona como o lugar de troca de afetos e experiências. Mas vale ressaltar que dentro do grupo a presença do professor de português é fundamental, pois os participantes, mesmo sem a pretensão de se tornarem grandes escritores, se preocupam em produzir textos bem trabalhados. Márcio Araújo é o atual facilitador do grupo, desde 2010. Professor muito querido e respeitado pelos participantes. Segundos eles, “o Márcio funciona muito bem por ter assumido a responsabilidade do grupo para si. Ele não impõe nada, só instiga. Não reprova nada, dá conselhos. Lê os textos com cuidado e não permite que os ânimos desanimem”.

No depoimento de uma das senhoras, e isso eu ouvi de outras tantas mulheres, ela já tinha mantinha uma relação “intima” com a literatura: escrevia para si. Segundo ela, a escrita servia para entender os momentos de sua vida, pois sempre que acontecia algo que mexia com ela (como uma discussão familiar, por exemplo) ele esperava os ânimos se acalmarem e escrevia sobre, como uma reflexão e isso a ajudava a lidar com o dia a dia. Com o CL ficou diferente, por que o Marcio (professor) incentiva, traz outras demandas. Ampliou os horizontes. Agora escreve sobre outras coisas. A escrita ficou mais técnica, aprimorada, mesmo sendo livre, sem cobranças. O grupo não tem a intenção de produzir textos formais ou “obras-primas”: se mantém pelas idades dos participantes, para que eles exercitem a atividade mental; para que se mantenham produtivos.

Essa senhora, por exemplo, contou que durante todos os anos de sua vida adulta, desde que casou, 33 anos, se dedicou a cuidar da família e da educação dos filhos. Não cursou faculdade nem trabalhou “fora de casa”, como

²⁴ Participante do Grupo Criação Literária.

fazia antes do casamento, por escolha própria. Acredita que a criação dos filhos deve ser de obrigação da mãe. Fez um “acordo” com o marido: ele trabalhava para sustentar financeiramente a família e ela cuidaria dos afazeres domésticos. Então, esperou que os filhos ficassem adultos e independentes para voltar a pensar nos projetos individuais e com o marido.

Quando ingressou no TSI, estava interessada nas atividades físicas e cuidados com o corpo e depois passou a frequentar a terapia ocupacional. Ficou sabendo do Grupo de Criação Literária por acaso e logo se interessou. Mas esse rapidamente se tornou um “marco” no seu novo momento da vida: com tempo livre para si. Pois foi depois do CL que ela resolveu cursar a faculdade de Letras que ela desejava há muito tempo. O contato com a literatura e com a possibilidade de ter uma velhice com atividades que substituam com a importância que as tarefas da vida adulta tinham para elas, reacendeu a vontade de ter uma formação acadêmica: *“estar na faculdade, estar no Grupo (criação literária), estar em atividade é tão importante quanto foi ficar em casa por 33 anos me dedicando ao casamento e a família; hoje posso fazer isso livremente, posso dizer assim, sem nenhum impedimento”*.

2.2. Da vida com a literatura

O processo de escritura se entrelaça ao da leitura e por isso são intercambiáveis e móveis. Como um escritor é antes de tudo um leitor, ele elege, num processo de identificação, seus predecessores, aqueles de quem se alimentam metaforicamente. Assim, a escrita é também antropofágica, como já dizia Oswald de Andrade, e identificamo-nos com outros escritores e/ou outras culturas, dentro desse mecanismo que implica minetismo e/ou rejeição. O absolutamente novo, original, é, pois, uma ilusão romântica (BRANDÃO in: BARTUCCI (org.) pág. 150, 2001).

As mulheres relatam que a literatura sempre fez parte de suas vidas, principalmente, pelas leituras feitas durante toda a vida que as ajudaram a

entender os seus sentimentos em relação a vida. Depois de acompanhar alguns encontros do CL, entendi que, hoje, as participantes estão muito mais interessadas em escrever que ler. Claro que uma coisa não exclui a outra, mas se tratando de intensidade, o ato de escrever tem sido mais instigante para elas.

Para muitas, o CL significa o lugar da voz autorizada. A presença do professor Marcio (e dos que o antecederam) dá uma segurança, legitimidade e autoridade para seus escritos. Assim, acreditamos ser fundamental um momento para descrever a relação dessas mulheres com a escrita literária antes de partir para os encontros com as personagens claricianas e lygianas.

É preciso lembrar que essas mulheres estão dentro de uma instituição que tem como meta buscar uma velhice saudável, ativa e positiva. Assim, tantos seus textos quanto as leituras delas tem, na maioria das vezes, um tom de idealização de uma “nova” velhice, que muitas vezes não condiz totalmente com suas realidades (isso pode ser observado em conversas fora do grupo).

Acompanhei o grupo por sete meses. Durante esse período a frequência dos participantes se manteve estável. Pude acompanhar o ingresso de cinco mulheres. Os interesses delas são bem próximos do restante do grupo, e segundo outros membros os motivos são sempre os mesmos: aposentadoria; mais tempo livre; a vida familiar mais calma; um apreço pela literatura (não desenvolvido na vida adulta por falta de tempo); solidão (vontade de fazer novos amigos e encontrar novos horizontes).

As mulheres que compõem o Grupo de Criação Literária têm entre 55 e 83 anos, em sua maioria são professoras aposentadas – cerca de 60% delas – outras são funcionárias públicas aposentadas e outras trabalham no ramo de serviços. Poucas eram apenas donas de casa, das que frequentam o grupo regularmente, apenas duas se disseram apenas donas de casa.

80% das mulheres do Grupo relatam que sempre estiveram ligadas a literatura, como leitoras e como escritoras. Algumas começam a escrever na infância, outras na adolescência, outras já adultas.

A maioria escrevia só para si. Uma fala frequente é que seus escritos estavam “na gaveta” e com a participação no grupo elas passaram a retirá-los e mostrá-los para os “outros”. Pelos menos, quatro mulheres já publicaram

livros, principalmente, através de editais de cultura. Elas publicam com frequência em jornais locais.

Cada uma tem seu estilo literário de preferência, mas as poesias e crônicas são as principais. Nos seus escritos, especialmente nas poesias, o tema mais frequente é o amor, a saudade e a solidão. Elas escrevem muitos sobre os sentimentos passados, sobre pessoas e amores que marcaram suas vidas. Mas quando são acionadas a escrever sobre outros assuntos se saem tão bem quanto os outros e há uma sensação de orgulho coletivo quando os textos são de cunho crítico, como quando, por exemplo, o tema sugerido é uma crítica sobre algum aspecto social.

Nos últimos meses do ano de 2011, o tema meio ambiente foi o mote de vários textos, tanto em tom de protesto quanto em tom poético de exaltação a preservação da natureza.

As mulheres relatam que quando entenderam que suas vidas estavam prestes a mudar completamente, passaram a questionar o que fariam para mudar essa realidade, e o CL foi uma saída possível para lidar esse momento de encarar a velhice como uma presença real e, agora, constante. A aposentadoria, para a maioria, significou uma ruptura com a vida que estavam acostumados, motivo para sentimentos de perda de referências e necessidade de encontrar novas demandas para preencher os vazios trazidos por ela, como declara uma senhora:

“quando me aposentei quase fiquei louca. Trabalhei trinta e sete anos e não sabia o que fazer com essa aposentadoria. Não sou uma escritora, mas botar no papel o que eu penso sobre as coisas me faz bem, por isso gosto tanto desse grupo”.

Assim, muitas fizeram da escrita literária o novo desafio de suas vidas, que, além de ocupar o tempo ocioso, trouxe para a vida delas novas pessoas e sentimentos, reconfigurando seus relacionamentos e preenchendo as ausências dos amigos que vão ficando para trás.

“faço poesia como terapia. E isso tem um significado forte no meu processo de envelhecer”.

“na literatura eu sinto o rejuvenescer da minha vida”.

“através da literatura interajo com outras pessoas, ocupo meu tempo ocioso e estímulo minha mente e memória”.

“escrever, para mim, é um grande desafio, pois busco conteúdo para meus textos nas histórias do cotidiano. Minha curiosidade se aguça quando avisto uma história ou algo insólito. Publicar livros é maravilhoso, até porque só agora tenho tempo para escrever. Isso me faz uma pessoa participativa, principalmente, porque interajo com leitores e escritores amigos e desconhecidos. Aos 73 anos, sou feliz. Parte de minhas conquistas, adquiri na minha maturidade. Diariamente agradeço a Deus por me proporcionar tanta disposição para realizar muitas coisas no meu dia a dia”.

Então, partindo de uma ferramenta já utilizada por elas como meio para entendimento de suas vidas: a literatura; e numa tentativa de compreensão sobre como elas vivem suas velhices, que utilizamos a recepção de leituras de textos literários.

A estética da recepção proposta por Jauss trouxe novo fôlego para a história da literatura ao priorizar, na análise literária, a recepção ao invés da produção e da representação. Contra as formas tradicionais e apressadas de análise literária, a saber:

de um lado, à reflexão formalista e estruturalista, interessada apenas pela estruturação imanente, “verbal”, do texto e que compreendia a produção, fundamentalmente, como organização de estruturas e, do outro, à estética marxista da representação, que tomava apenas o reflexo como tarefa

legítima da literatura (STIERLE In: Jauss... et al, pág. 119, 1979)

Jauss joga nova luz a literatura ao explicar que:

a recepção é sempre um momento de um processo de recepção, que se inicia pelo “horizonte de expectativas” de uma primeira público e que, a partir daí, prossegue no movimento de uma “lógica hermenêutica de pergunta e resposta”, que relaciona a oposição do primeiro receptor com o seguinte e assim resgata o potencial de significado da obra, na continuação do diálogo com ela. O significado da obra literária é apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação da obra literária com a realidade, mas tão só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe, por assim dizer, na multiplicidade de seus aspectos (STIERLE In: Jauss... et al, pág. 120, 1979).

E assim funcionou o grupo: depois de cada leitura dos textos, as senhoras conduziam a discussão para relatos pessoais, num movimento ou de identificação com as angústias vividas pelas personagens ou de desaprovação das atitudes destas. Então, cada relato vai desencadeando outros, até que as personagens vão ficando para trás, se transformando em um momento de partilha de experiências.

Enquanto escutava os participantes do grupo relatarem os motivos que os levaram a frequentar o CL, lembrei-me do filme de Robin Swicord (2007), *O Clube de leitura de Jane Austen*, que tem como enredo a história de quatro mulheres e um rapaz que resolvem se reunir para ler Jane Austen. E através dos dilemas das personagens e de suas atitudes perante esses dilemas, elas passam a questionar seus atos e fazem uma espécie de análise coletiva dos comportamentos, que, através do entendimento que cada um passa a ter de sua vida, as transformações vão se dando em suas vidas.

O CL seria um clube assim. Que desperta nos participantes um sentimento de pertença e necessidade de estar com outros, partilhando saberes e dúvidas a partir da literatura.

É facilmente visível como a presença das demandas dos outros, que muitas vezes se confundem com as deles mesmas, trazem um prazer em estar junto que permite uma ótima articulação do grupo e que surjam boas amizades. Eles combinam passeios, programas de final de semana, viagens, visitas as casas uns dos outros, etc. eles não se restringem apenas aos momentos do CL. Eles se frequentam, se preocupam uns com os outros. Talvez isso seja um forte indício de porque o grupo existe há tanto tempo. Claro que com épocas mais fortes, outras menos, mas sempre com trabalhos contínuos. Assim, os laços afetivos conquistados dentro do grupo ultrapassam as paredes da instituição.

Esses laços permitem que um sentimento sempre presente na fala das mulheres, a solidão, transformada em presença.

*Solidão: estado/condição de quem está desacompanhado ou só*²⁵. Esta condição é um sentimento presente em quase todas as falas dos idosos que procuram o TSI. As assistentes sociais responsáveis pelas “entrevistas sociais” feitas com eles para o ingresso no Programa, dizem que é uma reclamação constante. A solidão é um estado que pode estar presentes em qualquer fase da vida, mas o diferencial de sentir solidão na velhice é, segundo os próprios idosos, que essa é fruto de perdas e isolamentos sociais involuntários trazidos pelo fato de envelhecer. A grande maioria passou toda a vida em atividade constante e na presença de muitas pessoas: amigos, companheiros de trabalho, familiares, etc.; com a aposentadoria, a saída dos filhos da casa dos pais, a morte de parentes e familiares mais velhos e as dificuldades trazidas por doenças e debilidade do corpo, o cotidiano desses idosos é modificado, para alguns, drasticamente interferindo imediatamente na qualidade de vida deles.

²⁵ Definição retirada do Michaelis Dicionário online.

3. Capítulo Terceiro

“Desejo” (Cleody Virginia Silveira²⁶)

Desejei estar no útero materno
Protegida, alimentada e
acariciada

Desejei ser criança
E só ter uma preocupação:
A de brincar

Refleti e desejei
Ser o que sou agora
Cinquentona
Adolescente
Criança
Ainda pra nascer

“Tríade da Vida” (Eugênia Maria Garrah de Sales²⁷)

Infância a idade mais bela
Encanto das nossas vidas
Embalada nas caricias
Da graça e da quimera

Porém, os sonhos mais belos
Na juventude vivemos,
Até o tempo esquecemos
Como se fossemos eternos

Mas a idade madura

²⁶ Participante do Grupo Criação Literária.

²⁷ Participante do Grupo Criação Literária.

Da vida, o coroamento,
È que traz mais alento,
Sabedoria e Brandura.

Em contradição com uma visão da velhice como momento de perda das funções sociais e decrepitude do corpo e da sanidade, o que a confere um caráter negativo, os textos escritos pelas mulheres do CL, assim como a leitura que elas fazem dos textos de outros escritores, caminham num sentido de “positivação” do envelhecer. Reconhecendo o que para eles são “infortúnios” da velhice, mas não mais restringindo suas vidas a eles. O termo mais utilizado por elas é MATURIDADE. Essa palavra não surge à toa, neste momento. Essa maturidade garante aos envelhescentes um poder/capacidade de entendimento do mundo e de suas necessidades que não poderíamos tem em nenhum outro momento da vida. Essa maturidade, definida por elas, oferece um “ritmo” diferente, que permite um entendimento da vida e de si e das suas condições de velhas que faz com que elas sejam mulheres livres e felizes na velhice.

O ENVELHECER HOJE

O envelhecimento, eu o espero, mas na verdade acho que uma coisa inteiramente diferente: uma ampliação da capacidade de agir, um aumento na simplicidade e na suavidade. O envelhecimento não é uma cessação, mas ao contrário, é uma extensão suave e apaziguadora da capacidade de agir. No decorrer do envelhecimento, a morte não se apresenta como um elemento intersticial que interromperia a vida, mas antes como uma coisa que a noção de eternidade e, portanto, a intensidade da vida, podem sempre superar. Fundamentalmente, a morte não existe: quando existimos, a morte não existe e quando a morte existe, deixamos de existir. A possibilidade de superar a morte não é o grande sonho da juventude, mas o da velhice... A morte não é necessária a vida; é algo além da vida. Assim como a velhice não é uma aproximação com a morte, mas sim um gozo diferente da vida, de todos os pontos de vista – do ponto de vista intelectual, do ponto de vista sexual, nas relações sociais... Sempre me

repugnaram as relações sexuais e erotismo dos mais jovens, com sua rapidez, sua violência de desejos animais. O que me agrada é a suavidade; é o tempo; é a intelectualidade, a imaterialidade das relações. Só começamos a ter esse tipo de relações quando já temos certa idade. E quando já fizemos um certo tipo de reflexão (NEGRI, pág. 50, XXXX).

A epígrafe acima, nos parece oportuna para começar a discussão sobre o tipo de envelhecer que essas *mulheres da vida*, que compõem tal estudo, estão se propondo a descobrir e viver. De uma velhice que não represente um fim imaneente, mas, sim, mais uma etapa do viver que pode trazer novos horizontes para uma mesma vida; que, segundo relatos delas, transformem os aspectos, antes negativos, em desafios para superar e não motivos de resignação e espera pelo fim.

A discussão sobre o envelhecimento feminino desenvolvida por este trabalho está voltada, principalmente, para a relação com o corpo e sexualidade. Isso por que as temáticas dos contos escolhidos e a interpretações dadas a eles pelas senhoras durante as leituras foram conduzindo para tais aspectos.

Nos estudos sobre velhice, as perguntas iniciais que se impõem são sempre as mesmas: que idade tem a velhice? Quando começa a velhice? Nesse trabalho, assim como em outros (reparando a falta, pg. 54) a questão que norteia, além de todas essas outras, é em que idade uma mulher se reconhece velha?

3.1. SÓCIOANTROPOLOGIA DO ENVELHECER

Os institutos de pesquisas, com seus indicadores sócio-demográficos, constataam que o envelhecimento populacional é um fenômeno crescente e mundial²⁸. Este fato decorre, principalmente, dos avanços da medicina, que

²⁸ De acordo com o Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento promovido pela ONU, estima-se que na América Latina o segmento idoso passará de 8% para 15% entre 1998 e 2025.

proporcionam uma melhor qualidade de vida; da queda da mortalidade, dos avanços da farmacologia e tecnologia; e da Seguridade Social.

Com o aumento, significativo e irreversível, da expectativa de vida, é necessário que as instâncias competentes encontrem meios para facilitar que esses “anos a mais” sejam vividos com qualidade e dignidade.

Os índices demográficos são, para muitos trabalhos, determinantes para compreensão dos fatores que impulsionam a relevância que determinados temas tem para o entendimento dos processos sociais. Foi assim para os estudos sobre trabalho, crescimento econômico, dinâmica das classes sociais, estudos de gênero, dentre tantos outros. Não foi diferente para as pesquisas sobre a velhice.

A velhice torna-se tema relevante para as pesquisas sociais à medida que se fez parte das preocupações dos tipos de organizações sociais, das formas de controle de recursos políticos e se tornaram especificidades das representações sociais. Os índices que revelaram o crescimento da expectativa de vida para os brasileiros foram determinantes para as mudanças nas formas de tratamento dessa fase da vida.

A expectativa de vida do brasileiro cresce a cada censo realizado. Hoje, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a expectativa é de 73,2 anos, sendo que a diferença entre a expectativa feminina e a masculina chega a sete anos, 77 anos e 69,4 anos, respectivamente. Situação que revela a “feminilização” da velhice no Brasil.

Esses dados somados aos índices de diminuição da natalidade²⁹ nos indicam, principalmente, que o Brasil caminha para se tornar um “país de velhos”. Assim, todas as questões relacionadas aos cuidados necessários para garantir o bem-estar dessa população passam a protagonizar as preocupações dos governos. Não há mais como ignorar essa parte da população. Ela alcançou o status estatístico de relevância para as exigências das políticas públicas.

Essas mudanças se fizeram perceptíveis à medida que as representações acerca do envelhecer foram sendo transformadas. A ideia de

²⁹ Segundo IBGE, a taxa de fecundidade (número de filhos por mulher ao fim do período reprodutivo) no Brasil é de 1,8 com projeção para 1,61 em 2050.

velhice como “morte social” (BAUDRILLARD *apud* PAIVA, 2009) relacionada ao desligamento da vida social, do trabalho, do mercado de consumo, passa por um reposicionamento, segundo PAIVA (2009), *ambivalente entre negação e posituação da “terceira idade”*.

Nos estudos sociológicos sobre velhice do Brasil uma das referências iniciais foi a tradução, em 1970, do livro *A Velhice: Realidade Incômoda* de Simone de Beauvoir (1990) que, como disse Debert (2004), quebrou a “conspiração do silêncio”. Beauvoir percorre o caminho que nos faz entender o que torna a velhice “essa realidade incômoda”. Entender o envelhecer não é uma preocupação contemporânea, mas a lógica com que é tratado o assunto mudou fortemente. Depois dos primeiros estudos sobre a velhice, que homogeneizavam o envelhecer como um fator, fatalmente, biológico, os estudos sociológicos, psicológicos, históricos e tantos outros, surgiram numa tentativa de compreender como os fatores socioculturais e psicológicos, são, na verdade, determinantes para as representações sobre a velhice.

Mas se a velhice, enquanto destino biológico, é uma realidade que transcende a história, não é menos verdade que esse destino é vivido de maneira variável segundo o contexto social; inversamente: o sentido ou não sentido de que se reveste a velhice no seio de uma sociedade coloca toda uma sociedade em questão, uma vez que, desvenda-se o sentido ou não sentido de qualquer vida anterior. (BEAUVOIR, pág. 16, 1990).

Ao tomar consciência que o corpo se deteriora com o passar do tempo; que isso é, na verdade, o sinal cabal de que somos mortais e que o fim sempre está mais próximo do que imaginamos, impulsionou as primeiras pesquisas sobre como proceder para corrigir a “máquina corpo”. As imagens negativas da velhice estão diretamente ligadas a esse processo; ao corpo que se desgastou, impossibilitando a realização das tarefas com o desempenho da juventude.

Contra essa imagem estigmatizada elaborou-se a ideia de “terceira idade” ou como diz Guita Debert (2004), *reinventou-se a velhice*.

A autora (In: BARROS, 2000) aprofunda esta discussão ao anunciar os tipos de dificuldades existentes nesses tipos de estudos:

categorias culturalmente produzidas, que têm como referência processos biológicos universais; questões que nas sociedades ocidentais contemporâneas passaram a ser problemas sociais; e temas em torno dos quais se institucionaliza um discurso científico especializado (BARROS, 2000. p. 49).

A velhice, enquanto categoria analítica, está atravessada por esses aspectos. O que primeiro que caracteriza está fase da vida é o processo de envelhecimento corporal. É no corpo que a velhice se manifesta e é a partir dele que as apropriações sociais se iniciam.

Ser velho passa a ser problema para a sociedade brasileira no início dos anos 60, quando a expectativa de vida aumentou e o número de aposentados cresceu de forma significativa e os problemas de saúde relacionados a idades avançadas passaram a ser problema de saúde pública; com isso vimos o surgimento de especialidades médicas-científicas, tais como a geriatria e a gerontologia, que se encarregaram de produzir e cultivar um discurso legítimo para dar conta dessa “nova” realidade.

No entanto, vários equívocos passam a povoar a produção sobre o assunto na medida em que categorias produzidas socialmente são encaradas como naturais e universais.

A perspectiva sociológica no campo do estudo do envelhecer tem como aspecto primordial o entendimento de que a velhice não é uma categoria natural. É necessário iniciarmos os estudos problematizando o que é esse fato universal e natural que é a realidade biológica corporal (programado para nascer, crescer e morrer).

Apesar desse processo, indiscutivelmente biológico, a categoria velho só faz sentido a partir das representações que se criam desse fenômeno. Como explica a psicanalista Sueli dos Santos (2003), os organismos também se condicionam a essas representações o que acarreta, diferente de outras espécies, velhices diferenciadas, pois trazem consigo aspectos psicológicos formados de suas vivências.

A trajetória de vida do ser humano é um somatório das experiências vividas, dos valores, das metas, da compreensão e das interpretações pessoais que cada um tem do mundo em que vive. Estamos em nossa existência humana, condicionados às determinações da hereditariedade, do social e do cultural, como geradores de nossas escolhas e filosofia de vida (SANTOS, 2003, p. 13).

Ao estudar o envelhecer em nosso atual contexto social, alguns aspectos nos tomam a atenção de imediato. Ao fazermos uma busca sobre o tema velhice nos meios de comunicação (jornais, revistas, periódicos científicos, programas de televisão) a maior parte do que se tem produzido é relacionada à busca de “melhoramento” da máquina humana (corpo) e seu cérebro (há ainda os que se preocupam com a alma da “máquina”) para que possamos, então, afastar, da “melhor forma possível”, o desgaste desse e assim adiar o seu fatídico fim.

As personagens encontradas nas leituras literárias, das autoras que serão objetos da pesquisa, Dona Cândido Raposo, Dona Anita, Sra. B. Xavier, Dona Frozina, Angélica, Maria Leonor as vozes ocultas dos fragmentos (que serão apresentadas mais adiante), acionam a questionar a importância do fator biológico do envelhecer. O corpo, ou melhor, a relação que elas têm com ele, é fator crucial para o início dos porquês. De fato, se a “máquina” não apresentasse tantas mudanças não haveria motivo para nos questionarmos sobre o envelhecer. Tudo começa no nível somático. Para as mulheres, e para todos, acredito, a velhice passa a fazer sentido quando o corpo dá sinais de que não possui mais a mesma potência da juventude.

No entanto, essa potência só se faz compreensível quando situamos em que tipo de sociedade vivemos. Pensando em termos macro, o ocidente contemporâneo tem uma concepção de função corporal que, muitas vezes, parece cruel. O corpo é entendido enquanto máquina, e como tal deve desempenhar suas funções de forma impecável, ao contrário, deve ser consertada. Quando não é mais capaz de se “reconstruir” deve ser descartada.

Não só os corpos passam por uma maior vigilância e ‘culpabilização’ dos sujeitos por seu funcionamento, mas também as expectativas de existências dos sujeitos donos desses corpos.

A modernidade ou *alta modernidade*, como define Giddens (2002), rompe com a segurança social e individual existentes nas sociedades da tradição, que regulavam os comportamentos e expectativas dos sujeitos geração após geração.

Com a perda dos papéis definidos por essa tradição, os indivíduos são obrigados a construir suas existências. No entanto, isso pode significar grande perigo, pois serão responsabilizados pelos resultados de suas escolhas, o que o autor chama de perda da “segurança ontológica”.

Neste contexto, o que se vive na velhice passa a ser consequência direta das escolhas feitas durante toda a vida.

A condição feminina também pode ser pensada nesse contexto. Algumas das mulheres encontradas, tanto nos textos quanto no SESC, relatam passagens da vida (passado e presente) que remetem a essa discussão. A relação com a família e amigos passa pelas consequências de suas escolhas.

Uma senhora que participou de uma das rodas de conversas sobre velhice confessou que gosta muito de namorar e que mantém a vida sexual ativa – *da maneira que dá*, segundo ela (fazendo referência a dificuldade de encontrar parceiros depois dos 60 anos). Ela era a mais “atrevida” da roda, como mencionou uma das mulheres. Não escondeu que *gosta de sexo* e que não vê problema em satisfazer os desejos na velhice. Mas isso é motivo de grandes conflitos entre ela e os filhos.

Eles não gostam da conduta da mãe. Sentem vergonha. Durante a juventude e vida adulta (até os 50 anos), a família (mãe e irmãos) romperam com ela por insistir em namorar depois de ficar viúva. Ela já ficou viúva três vezes.

Uma outra participante, que se disse mais calma e preocupada com a opinião dos filhos, a definiu com vencedora. “Ela é um exemplo”, disse a senhora, “ela conseguiu”.

A condição feminina é um tema bastante discutido desde o início dos movimentos feministas e dos estudos de gênero em todo o mundo.

Pós todas as mudanças alcançadas pelas lutas das mulheres para o reconhecimento efetivo do seu lugar na sociedade, exigindo igualdade de tratamento e liberdade para fazer as escolhas, as mulheres conseguiram ocupar espaços sociais antes negados, como inserção no mercado de trabalho, na universidade, na política, nos espaços públicos, as mudanças nos papéis domésticos, etc. – claro que com as devidas ressalvas, pois ainda há preconceitos que limitam a aceitação das escolhas femininas com a liberdade esperada – os outros papéis exigidos do feminino não foram suprimidos.

Atualmente, ainda exige-se da mulher um comprometimento com a “feminilidade”, com o cuidado da beleza e do corpo. É preciso manter-se bela e bem cuidada, assim como é preciso continuar desejando ser mãe, esposa, dedicada a família (pais, avós, etc.), boa amiga, entre outros. Não se trata de uma negação desses papéis, mas precisamos entender que esses aspectos não podem determinar uma “boa” ou “má” mulher.

O problema, a nosso ver, está em acreditar que se essas demandas não forem desejadas e exercidas pelas mulheres, estas não são “mulheres femininas”. Essas demandas são, muitas vezes, determinantes na velhice. É como se as mulheres já tivessem exercido todo o que podiam na vida. Após a aposentadoria, os filhos criados, os corpos sem a aparência bela da juventude, parece que as mulheres já não possuem mais suas “motivações” de vida.

As idosas que procuram os serviços do Trabalho Social com Idosos do Sesc, por exemplo, afirmam que precisam de novos espaços e atividades para ocuparem suas vidas; é como se na velhice elas se tornassem desnecessárias para os “afazeres” que se dedicaram durante toda vida jovem e adulta. Agora, é preciso resignificar sua importância.

Após a vida adulta, quando se vivi “supostamente” o ápice da vida ativa, as mulheres se deparam com outra delas mesmas. Claro que isso é experimentado em todas as passagens de idade da vida: infância – adolescência; adolescência – vida adulta; vida adulta – velhice. Mas diferente das outras, a velhice é historicamente a passagem mais carregada de estigmas e preconceitos.

A maioria das senhoras conhecidas no grupo de Criação Literária do Sesc, assim como as outras participantes do TSI, são mulheres que tiveram suas trajetórias muito ligadas a “vida privada”, mesmo as que trabalharam reconhecem que o casamento, os filhos e a família são a parte mais importante e o que mais exigiram investimento em suas vidas.

Com a atual ideia de uma velhice ativa e a necessidade de ocupar os espaços agora “vazios”, elas buscam no mundo fora de casa um novo lugar.

Margareth Rago (2004) nos ajuda a compreender esse movimento da passagem da “vida privada” para a “vida pública”. A mudança de significado desses termos são esclarecedores neste momento. Até a década de 1970, segundo Rago, a expressão “mulher pública” tinha uma conotação pejorativa. As mulheres que ocupavam as ruas eram classificadas como mulheres de “vida fácil”, que mereciam desprezo e humilhação. Não eram mulheres dignas de reconhecimento. Com o movimento feminista, segundo a autora o único que teve verdadeiramente força e – o único que vingou – no século XX, esta realidade foi modificada.

Rompendo com as teorias tradicionais que lhes associavam a natureza, fragilidade, emoção, irracionalidades, a mulher do século XXI tomou as rédeas da história e se tornaram independentes econômica, emocional e sexualmente. Ressaltamos, no entanto, que essa luta pela emancipação feminina ainda não esgotou, e ainda está longe disso, mas as negociações e transformações continuam no cotidiano e nas lutas.

Os estudos sobre o envelhecer feminino passam por todos esses aspectos de mudanças sociais relacionados ao crescimento populacional e suas consequências, mas faz-se especial pelos estudos sobre o feminino iniciados com o movimento feminista e os estudos de gênero.

Quando mantemos algum contato com mulheres em processo de envelhecimento, percebemos que os depoimentos sobre suas relações com este momento da vida estão intimamente ligados aos acontecimentos que constituíram suas vidas. Esta é uma contestação óbvia, mas o que nos interessa é entender como mulheres entendem as “lógicas” que regeram suas trajetórias e o porquê que algumas sentem a necessidade de compreender e transformar o presente (na velhice) por sentirem que as determinações que dão

suporte as suas respostas sobre a vida não dão conta das contradições de sentimentos e desejos que elas possuem.

Esses sentimentos e desejos estão relacionados tanto a relação com seus corpos e sexualidade quanto as relações de trabalho e familiares. Envelhecer traz consigo demandas que muitas vezes não são compreendidas e aceitas. É neste sentido que busquei nos contados com os “grupos de convivência” relatos e reflexões de mulheres envelhecidas sobre esse processo.

Toda a discussão do crescimento da quantidade de idosos e da transformação do papel da mulher na sociedade trazidos até aqui, são dados muito recentes, meados do século passado, 50, 60 anos atrás, não só em termos de quantidade de décadas, mas em exemplos vividos. É um fenômeno que ainda não permitiu formar grandes grupos de referência para quem é velho hoje.

Os encontros que tive com as mulheres do “mundo do texto” e as do “mundo da vida” me ajudam a entender que esta é uma geração de mulheres que buscam pontos de apoio para lidar com o desconhecido.

Não que a velhice seja um fenômeno novo, mas o tipo de velhice que elas estão podendo de vivenciar é. Mulheres com mais de 60 anos, hoje, ainda tem como referência as velhices das mães e avós, que, não de forma universal – sempre há as que fogem as regras, talvez para nos mostrar que o diferente é possível – viveram uma velhice mais tradicional.

Nós crescemos ouvindo que ficar velho não é bom. O corpo cansa, as doenças aparecem, temos que parar de trabalhar, de namorar, ficamos mais sozinhos. Os aspectos positivos que também são conhecidos, mas com mais aparecia de desejo que de realidade: ter tempo livre para fazer o que quiser; ter mais paciência, tranquilidade e sabedoria para resolver os problemas; se dedicar a família. Vivem-se contradições entre desejos e realidade.

A aposentadoria é um exemplo de contradição vivida. É muito comum que as pessoas façam planos para quando se aposentarem. Viajar, visitar mais amigos e parentes, fazer as atividades prazerosas que foram adiadas durante muito tempo, mas, na prática, para a maior parte das pessoas, se torna um momento difícil que é adiado o máximo possível. Esse momento é doloroso

porque significa o desligamento de vínculos afetivos com os companheiros; de mudanças na remuneração mensal; a perda de referências de atividades que regiam os dias, que tornava a pessoa útil.

Para uma parte de mulheres, também pode significar mais solidão. Elas ficam bem mais viúvas que eles, já que vivem mais, como já indicamos antes, e os filhos, muitas vezes, vão embora.

Estas mulheres estão construindo os modelos, as futuras referências. Talvez daqui oitenta ou cem anos, não faça mais tanto sentido procurar instituições como o SESC para ocupar os vazios trazidos pela velhice, talvez eles já tenham sido substituídos por outros. Talvez as resignificações hoje buscadas deixem de fazer sentido, nos ocuparemos de outras angústias.

3.2. Mulheres do *Mundo do Texto*

Os contos foram escolhidos, principalmente, por suas personagens. São mulheres que vivem o processo de envelhecer com seus dilemas e angústias. Falo isso porque em minhas leituras não encontrei textos com grandes positavações da velhice. Dentre os escolhidos, o que, talvez, fuja um pouco desses dilemas é o “As maniganças de Dona Frozina”, de Clarice Lispector. Mas a autora apresenta, de forma irônica, uma personagem completamente fora das preocupações atuais com a velhice, às vezes, até ridícula, piegas, isso pensando que o modelo de velhice que se encontra a senhora já fora ultrapassado. Abaixo faço uma apresentação das sete personagens escolhida e dos dois fragmentos da *Disciplina do Amor*, de Lygia Fagundes Telles.

O motivo de termos mais textos claricianos que lygianos vem, principalmente, pela extensão dos textos. Mesmo não havendo muitas restrições ao tamanho do texto para a leitura do grupo Criação Literária, tentei evitar textos com mais de 15 páginas.

LISPECTOR, Clarice. RUÍDO DE PASSOS. In: *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Ter oitenta e um anos e viver com o desassossego de ainda ter o *desejo de prazer*. Essa era a angústia de dona Cândida Raposo: ainda tinha a *vertigem de viver!* Quando não soube mais como lidar com seu sofrimento, a senhora procurou a voz que lhe parecia mais legítima para ajudá-la no assunto: seu ginecologista. De fato, para esta distinta senhora não restavam muitas opções. Não seria de bom gosto falar com a filha ou alguma amiga; não poderia suportar a vergonha, afinal, só poderia ter algo errado com ela para ainda viver com esses pensamentos aos oitenta anos. Mas de nada adiantou. Não há remédio para essas coisas. Não há “cura” para este “mal”. Foi o que a mulher constatou ao final da consulta. Estava só. Ninguém poderia fazer com que sua *vontade de prazer* fosse saciada (ou banida). Acabar com isso seria o fim mais apropriado, mas como não havia nem remédio nem um homem capaz de executar... lhe restava apenas as lembranças da juventude (tinha sido muito bela quando jovem e, talvez, também bem amada) e suas próprias mãos, companheiras do ato que conseguiu amenizar (temporariamente) seu sofrimento, mas que lhe causava vergonha e horror. Isso era a vida: um desejo sem fim que não poderia mais ser sentido sem maiores constrangimentos depois de certa idade. Teria sido enganada, dona Cândida Raposo? Não deveria alguém tê-la avisado que “isso”, na verdade, nunca passaria?

LISPECTOR, Clarice. MAS VAI CHOVER. In: *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Uma das personagens escolhidas para compor o *corpus* dessa pesquisa é Maria Angélica de Andrade. Uma senhora de sessenta anos que teve um amante de dezenove, Alexandre. Ela conheceu Alex, como o chama, quando o rapaz foi entregar alguns produtos farmacêuticos em sua casa. A mulher “caiu” de encanto pelo rapaz logo na primeira vez que o viu. *Era um jovem alto, forte e de grande beleza*. A mulher, mesmo espantada com a própria ousadia, mas “embevecida” com sua beleza, o convidou para entrar e tomar um café. O rapaz, constrangido, hesitou, mas com um pouco de insistência de Angélica, aceitou com a condição de ser por pouco tempo. E assim foi. Mas ela não estava conformada. Ele era para ela a imagem do sexo há muito tempo abandonada. Uma hora depois pediu vitaminas na mesma farmácia e o rapaz

voltou. Agora, ela estava com uma roupa transparente (marcando a calcinha) e logo o chamou para conhecer seu quarto. Informou-lhe que era viúva e lhe pediu um “beijinho”. O rapaz, espantado, cedeu o rosto, mas ela quase o devora com um beijo na boca. Ele pediu para que ela se controlasse, mas ela continuou e o pediu para que transasse com ela. Só conseguiu que o ato se consumasse depois de lhe prometer um carro. A narradora do conto descreve a cena como horrível. Enquanto Maria Angélica dava ridículos gritinhos de amor, Alex quase não suportava o nojo que tinha do que fazia. Isso o marcou para o resto da vida. Tornou-se um homem amargurado e impotente aos vinte e sete anos de idade.

Tornaram-se amantes. E Angélica passou a ser ridicularizada pelos empregados, vizinhos e amigas, mas não se importava. Tinha o que desejava. Tentaram adverti-la que ele só queria se aproveitar do seu dinheiro. Mas de nada adiantou. Ela sabia disso e cedia a todas as chantagens de Alexandre. Um certo dia, ele exigiu uma quantia que ela não teve como dar. Ele a humilhou rompeu o relacionamento e foi embora. À Angélica restou uma tristeza profunda de um fim que era esperado, mas não desejado.

LISPECTOR, Clarice. POR ENQUANTO. In: *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Neste conto a mulher “não tem” nem nome nem idade. É domingo. Dia das mães. A mulher está só. Ela tem dois filhos. Um está fora do Brasil o outro, que está aqui, veio para o almoço. Uma passada rápida para cumprir o ritual do dia especial. Ela se sentiu bem. Ele lhe deu de presente o que tinha de mais precioso: a presença. Mas a solidão, sua única companheira daquele domingo de trabalho intenso, voltou rapidamente. Encontrou uma forma de ter companhia. Tinha o telefone. Mas as pessoas não atendem. Ou estão ocupadas. Ou estão dormindo. Certa vez ligou para seu próprio número. Estava ocupado. Resolveu convidar outras companhias. Comida, vinho rose, música, livros e cigarro. Ela tinha saudade dos filhos. E continuava só. Sua salvação é que sabia que tudo é *por enquanto*. Ainda lhe restava a televisão. Mas seria muito chato. Ok. Ela também sabia que as vezes não temos escolha e ligamos a televisão. Mas é tudo *por enquanto*.

LISPECTOR, Clarice. À PROCURA DE UMA DIGNIDADE. In: *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Sra. Jorge B. Xavier é uma mulher de setenta anos que tem um acordo consigo de não recusa nenhum evento cultural. Vai a todos. Precisa ser vista. Foi a forma que encontrou para se manter jovem e presente. Era um inesperado dia quente de inverno. Tinha uma aula inaugural para ir. Acreditava que o encontro aconteceria no Estádio do Maracanã, mas depois de se perder naquele gigantesco lugar e gastar toda sua energia tentando se encontrar, lembrou que era um lugar próximo e não lá. Quando finalmente chegou ao verdadeiro local, desistiu. O cansaço havia vencido. Aquele corpo não suportava mais muito esforço. Era preciso ir para casa descansar. A senhora, depois de chegar em casa, teve uma espécie de encontro com ela mesma. Estava cansada, muito cansada. Tomou calmante, dormiu, comprou uma echarpe, achou uma letra de câmbio há muito perdido, mas quando parou para se render ao cansaço, não pôde fugir. O que segue no texto é uma espécie de crise, que teve três motivos como causas principais: um encontro com seu corpo velho no espelho (aquele corpo não era seu, não o reconhecia!); um rápido desejo de mudar seu destino (mas pensava que era tarde demais pra ter um novo destino); e começar a pensar “naquilo” (lembrou-se da paixão antiga pelo cantor Roberto Carlos e seu ridículo desejo por sua boca rosada e cabelos cacheados). É uma sofrida luta em busca de uma saída.

LISPECTOR, Clarice. AS MANIGANÇAS DE DONA FROZINA. In: *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Dona Frozina é o estereótipo da *viúva a moda antiga*. A narradora a define como *boa sogra e ótima avó*. Também foi *boa parideira*. Depois da morte de Seu Epaminondas, Dona Frozina virou *viúva virgem*. Era senhora de muito respeito. Católica (vivia agarrada nos santos – a narradora desconfia que eles já estavam enjoados dela) e com aversão as “modernices” (nem coca-cola tomava – *era moderno demais*); cheirava a Leite de Rosas, cheiro de menina,

de mãe. Quando perguntaram o que fazia para sobreviver depois da morte do marido ela respondia: *Maniganças, minha filha, maniganças.*

LISPECTOR, Clarice. FELIZ ANIVERSÁRIO. In: *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

No aniversário de oitenta e nove anos de Dona Anita, a reunião familiar é o mote para a narradora nos mostrar a relação dos parentes da velha senhora. Em meio a alfinetadas, revoltas, amarguras, ofensas e uma falsa felicidade por estarem juntos, a “confraternização acontecia” e a velha mantinha uma posição imóvel e severa; olhava com hostilidade. Em seu coração, desprezo e rancor. *Como podia ter nascido frutos tão fracos e opacos de uma mulher tão forte e um homem de bem? Sufocada pela raiva*, como diz a narradora, a velha se revolta. Cospe no chão, pede vinho e “xinga” a todos explodindo sua revolta com aqueles seres estúpidos, que formavam sua família. Mas, de repente, tudo volta “ao seu lugar” e a “festa” continua. Afinal ela já virara criança mesmo; e era a mãe de todos.

TELLES, Lygia Fagundes. BOA NOITE, MARIA. *A noite escura e mais eu*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Maria Leonor é uma rica senhora de sessenta e cinco anos. O conto relata o encontro inesperado da mulher com um estrangeiro de 50 anos na saída do aeroporto. Maria tinha uma doença irreversível. Precisava de companhia. Mas não a companhia fria e calculada sugerida por seu não menos frio advogado. Ela precisa de um amigo. Um amigo homem que pudesse segurá-la quando a força lhes faltasse. Julius, o finlandês do encontro inesperado, era calmo, forte, bonito e lhe inspirava confiança. Soube no primeiro instante que seria ele seu cúmplice dos últimos momentos. Ela estava cansada de casos amorosos. Não queria cama. Não suportaria ter que submeter novamente as humilhações das insinuações de rejuvenescimento propostos por seus amantes. Queria apenas se render a sua velhice. E contratou Julius para ser seu acompanhante. Dele queria a companhia e a serenidade do “boa noite” quando fosse dormir. E assim foi. Durante o um ano que passaram juntos. Em uma das noites de conversas, filmes e as tão felizes lembranças das viagens feitas (a senhora

adorava, pois assim se sentia viajando novamente), Maria e Julius não resistiram a proximidade de seus corpos e se renderam a um *prazer desvairado*. Ela experimentou um gozo agudo e inédito. Tinham consciência que aquele ato fora, para ela, o verdadeiro conhecimento de seu corpo. Tornaram-se cúmplices, como desejava. A doença avançava e Maria não queria se tornar refém de tratamentos inúteis. Os dois fizeram um pacto: Julius a ajudou a acabar com seu sofrimento... com ternura e compreensão, o homem lhe disse o último “boa noite, Maria”, e ela, com a ajuda de seu homem-amigo, embarcou em sua última viagem.

TELLES, Lygia Fagundes. CABRA-CEGA. *A disciplina do amor*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010. (Texto na Integra).

Era um jogo da minha meninice – será que ainda brincam assim? Os olhos tapados com um pano, as mãos tateantes. Os sustos. Os gritos. Tiro o pano dos olhos e me vejo de corpo inteiro. Tão nítido esse corpo que conheço tão mal, como ele me escapa! Principalmente na doença, quando não sei o que fazer como ele – mas que corpo é esse? Como posso entendê-lo se não tenho a menor ideia do que se passa lá dentro? Vou de *cabra-cega*, às apalpadelas, tateante, o que em mim é realidade e o que é aparência? Corro até minha imagem e toco apenas no espelho.

3.3. Encontro de Mulheres

O que norteou o encontro das “mulheres do mundo do texto” com as “mulheres do mundo da vida” foi a identificação e apropriação das histórias ficcionais pelas “mulheres reais” para pensar aspectos de suas próprias histórias.

O texto que segue são relatos pessoais de sentimentos diversos relacionados ao envelhecer, acionados pelas leituras dos contos de personagens irreais, mas de vidas possíveis, e isso as aproximou, reais e

fictícias, numa caminhada de aceitação, negação, contestação e solidariedade com as histórias.

Aqui, temos mulheres comuns, velhas comuns com suas vidas e cotidianos ordinários, mas que nos trazem fundamentais inquietações sobre o envelhecer. Inquietações essas, que dão norte as pesquisas do assunto em todas as áreas do Conhecimento.

O encontro...

O assunto que se sobrepôs a todos os outros por ser presente em todas as leituras e sempre render mais nas conversas com as mulheres foi a relação com o corpo que envelhece. Da necessidade de entender esse corpo velho, (para muitas, estranho e difícil de carregar), e todas as implicações sociais e psicológicas que essa condição biológica (que, até hoje, é impossível de reverter) traz para a vida daquelas que conseguem viver até idades mais avançadas. Esse assunto traz, imediatamente, a sexualidade para o debate. Difícilmente, fala-se de um sem o outro, só quando o assunto são as doenças da velhice e os problemas causados pelos remédios para combatê-las. Mesmo assim, a sexualidade aparece, quando elas lembram que esses remédios proporcionam uma diminuição da libido. Por isso começamos por ele, o corpo velho.

Encontro do dia 05 de Novembro de 2011 uma senhora fez a seguinte Trova:

*“ainda tenho o semblante de
mulher jovem e feliz
sem botox, sem silicone
sem nenhuma cicatriz”*

A leitura dessa trova causou grande “burburinho” entre as mulheres. Todas adoraram. As falas foram, todas, em tom de orgulho de envelhecerem sem precisar recorrer às cirurgias plásticas e modificações do corpo. Disseram que é mais “digno” aceitar as marcas da velhice: “o importante é cuidar da saúde e se manter sã”, disse uma delas, seguida de palmas discretas.

O corpo é questão fundamental para a construção subjetiva feminina. Os discursos, principalmente, vinculados às mídias e legitimados pelos saberes reconhecidos como legítimos para indicarem receitas para um corpo saudável e aceitável, fazem desse corpo um objeto de culto. A imagem idealizada é a do corpo jovem, “bem desenhado” (usando a expressão de das uma senhora) e livre de doenças.

Os corpos que se apresentam nos contos são sempre cansados, pesados, não desejados e, principalmente, não reconhecidos por suas donas. Seja pela perda da beleza que tivera juventude, seja pelas doenças, pela incapacidade de realizar atividades mais intensas, pela ousadia de ainda sentir os calores do desejo. Como nos casos da Sra. Xavier, de Dona Anita, de Maria Leonor e de Dona Cândida. Um momento revelador para algumas dessas mulheres é o encontro com esse corpo velho, especialmente, por intermédio do espelho. Foi o sofrimento de Sra. Xavier e da mulher do fragmento Lygiano, *Cabra-cega*, quando a imagem que as representavam, e que continuam vivas dentro delas, não correspondem mais a refletida no espelho após os sessenta anos.

Tanto nos textos de Clarice Lispector quanto de Lygia Fagundes Telles com personagens velhas, uma fala frequente é “fora linda na juventude”. E é dita em tom nostálgico ou mesmo de sofrimento. Caso mais marcante, a meu ver é o de Rosa Ambrósio, do romance *As Horas Nuas*, que não fez parte dessa pesquisa por ser um romance extenso, mas também traz uma mulher velha que não se entende com sua velhice, que deixou seu lindo corpo “acabado e feio” e por isso ela não consegue mais atuar, era atriz, e mandou embora seus amores.

O corpo velho, historicamente, foi caracterizado como o contrário desse ideal. Âmbito da deteriorização, da inutilidade, da perda das capacidades produtivas e sede de doenças, é um corpo incapaz de produzir prazer e valorização social.

Como já foi dito, é na dimensão corporal que a velhice se torna, primeiramente, “visível”, pois é nessa corporeidade que o homem se apresenta ao mundo e se relaciona com ele; é nela que a existência faz sentido para o outro. Porém o entendimento do corpo foi, por muito tempo, dominado pela

esfera “biologizante”, que diferenciava corpo e indivíduo, como se existisse um corpo universal e homogêneo.

Tal entendimento sofreu muitas transformações nas últimas décadas e, através de uma sócio-anthropologia do corpo, a compreensão corpórea passa a ser vista como fenômeno social, motivo simbólico e objeto de representações sociais.

Le Breton (2007) esclarece que o sujeito passa por “um processo de socialização da experiência corporal” para se inserir em determinado contexto social e cultural. A expressão do corpo é culturalmente construída e modificada, mesmo que cada sujeito sinta e use esse corpo de forma particular.

E pode-se dizer que a filosofia do envelhecer ativo, que passa a nortear as vidas das senhoras que fazem parte dessa pesquisa e de tantas outras que participam de trabalhos e instituições voltadas para esse “novo” envelhecer, trabalha um corpo que necessita de atividade constante para evitar, tanto quanto for possível, essa imagem de incapacidade e deteriorização, construindo, assim, um novo modelo de corpo velho, que passa a ser de responsabilidade do sujeito. Esse, tendo consciência de que seu corpo, sem cuidados necessários, irá sucumbir às falências da esfera biológica, tem a “opção” de modificar a realidade corporal, porque, contrário a isso, será responsável pelo corpo deteriorado.

Os corpos são “operados” diariamente para pertencerem a determinada cultura. As representações desses são mutáveis de uma sociedade para outra. As imagens que os representam, os ritos e símbolos que os fazem aceitos ou não, são variáveis e contraditórios. Assim, é necessário entender as apropriações sociais da corporeidade para “desvendar” as representações e imaginários que cercam o corpo em nossa sociedade.

O referencial de corpo que a maioria das mulheres da pesquisa apresenta é um corpo feminino preso aos determinantes biologizantes, diretamente ligados a produção hormonal, a reprodução e a beleza – essa referente a juventude.

Dona Cândida Raposo, assim como as outras mulheres-personagens que sofrem com seus corpos e sexualidades na velhice, trouxe para a roda os relatos pessoais sobre as experiências sexuais. Foi forte escutar como as

referências sexuais dessas mulheres estão diretamente ligadas a histórias de opressão, falta de informação, violências e solidão (salvo um ou dois relatos de uma vida sexual prazerosa e tranquila).

O desconhecimento de seus corpos e os tabus ligados a vida sexual que lhes foram passados, foram os grandes vilões das vidas dessas mulheres. Elas, principalmente as com mais de 65 anos, pertencem a uma geração que não podia falar de sexo abertamente, muito menos praticá-lo. A grande maioria teve o seu primeiro contato com o sexo oposto e com o ato sexual com o casamento.

Casamentos esses que, segundo algumas, era como entrar em um “quarto escuro”. Não sabiam o que iria encontrar e nem o que podia e deveria fazer. Foram seus maridos que as conduziam e tiravam suas dúvidas (ou não, ou as deixavam com mais dúvidas); no caso das que nunca casaram, essa tarefa ficou para os namorados ou parceiros eventuais já na idade mais adulta.

Assim, as dificuldades que essas mulheres têm de entender seus corpos e desejos na velhice não vêm somente da condição de velhas, mas principalmente, pela condição de mulher. Elas foram criadas e ensinadas de forma que chamam de “tradicional” (ainda hoje reverenciado por alguns discursos “nostálgicos” de mulheres dóceis, compreensivas, com profundo desejo exercerem os “papéis femininos” – casar, ser mãe, etc. –, em detrimento de uma mulher que insiste a se “igualar” ao homem, em sua dureza, perdendo o “encanto” da feminilidade). Tempo em que sexo não era assunto para moças que desejavam casar e constituir família. A ignorância, “maquiada” por um ideal de pureza, fez com essas mulheres vivessem uma juventude sem conhecer seus corpos e sem terem consciência de que tinham direito, tanto quanto “seus homens”, de sentirem prazer.

Porém, não podemos *vitimizar* essas mulheres de forma descuidada, como se precisassem de algum tipo de salvação ou libertação de tal condição opressora. Elas mesmas dizem que não são apenas vítimas de suas histórias. Sofreram sim, algumas. Mas conseguiram “se soltar” dessas possíveis “amarras” por elas mesmas, num mesmo movimento descrito por Lygia Fagundes Telles (2010) quando foi acionada a escrever sobre a condição feminina: para a escritora essas mulheres estão inseridas em “outra” revolução

das mulheres, diferenciado da revolução feminista com seus exageros e ressentimentos.

A autora se resguarda concordando da necessidade que toda revolução tem de ser exagerada, mas diz que a verdadeira revolução seria “com a cabeça mais fria”. Seria uma “micro-revolução”? Nas pequenas lutas diárias? Não consigo responder o que entendi com o que Lygia Fagundes quis dizer, mas digo que lembro desse texto, aqui, porque as mulheres falaram bastante sobre como forjavam pequenas situações e criavam pequenas estratégias para fugir das proibições, tanto quando moravam com os pais como depois de casadas com seus maridos e hoje, com seus filhos e netos querendo cuidar de suas velhices. Cito uma passagem de Lygia, nesse momento, por me parecer uma fala bem próxima da que ouvi de uma das mulheres sobre essa situação, mas que por ter sido dita no corredor e de forma muito espontânea e rápida, não pude gravar:

A mulher escondida. Guardada. Principalmente invisível, a se esgueirar na sombra.reprimida e ainda assim sob suspeita. Penso hoje que foi devido a esse clima de reclusão que a mulher foi desenvolvendo e de forma extraordinária esse seu sentido de percepção, da intuição, a mulher é mais perceptiva do que o homem. Mais fantasiosa? Sim, embora mais secreta. Mais perigosa! Repetiam os tradicionais inimigos da mulher perseguida através dos séculos até o apogeu das torturas, das fogueiras, pois não era a Ânfora do Mal, Porta do Diabo?... curiosamente foi esse preconceito que acabou por desenvolver nela o sentido perceptivo, uma quase vidência: na defesa pessoal, a sabedoria da malícia. Da dissimulação. (TELLES, pág. 671, 2010).

Diante de algumas leituras de possíveis, tento interpretar essa passagem e minha lembrança da senhora dizendo que tinha aprendido a ficar “esperta” e criativa de tanto ter de inventar formas de burlar a repressão do marido, não como uma afirmação de que a repressão feminina tenha sido uma boa experiência de aprendizado, mas que não somos apenas vítimas. Que é possível, através de quase estratégias de sobrevivência, proporcionar

mudanças consideráveis. Como as mulheres do TSI estão fazendo, a meu ver. Quando saem da condição de velhas senhoras que poderiam estar em casa mimando os netos e fazendo tricô e vão ocupar outros espaços, que permitem, através de atividades “inofensivas”, questiona sua condição de velha e vai provocando pequenas mudanças de pensamentos e atitudes. O que pode culminar (e isso já acontece) em transformações de comportamentos e entendimentos.

Situação também relatada por Alain Touraine (2010) em seu estudo sobre o mundo das mulheres quando chega a *irresistível ideia* de que não podemos pensar em uma *radical opressão, a priori*, que impediria a movimentação dos atores sociais:

Este livro, no fundo, me trouxe aquilo que eu procurava: a confirmação de que as mulheres, diferentemente da maioria dos estudos que falam pelas mulheres ou sobre elas, não acreditavam no necessário desaparecimento da identidade feminina, não se consideravam vítimas, mesmo quando sofrem injustiças ou violências e, nos convenceremos disso rapidamente, as mulheres carregam dentro delas projetos positivos bem como o desejo de viver uma existência transformada por elas mesmas. (TOURAINÉ, pág. 23. 2010).

Voltando a sexualidade na velhice, a resignificação da experiência feminina proporcionada pela modernidade e as macros e micros lutas feministas (e femininas), tornou possível um prolongamento da vida sexual para a terceira idade. Porém, há uma espécie de limite de idade tal experiência.

Quando falamos em sexo para mulheres de mais 70 anos o estranhamento é consideravelmente maior do que para as mulheres de 60 anos. Após os 80 anos, não se estaria mais na terceira idade, mas sim na quarta³⁰. Para que se consiga chegar bem nesta quarta idade é preciso uma boa preparação na terceira: cuidar da saúde, fazer exercícios, frequentar

³⁰ Alda Britto da Motta (2008), em um estudo sobre as gerações na família, fala que o prolongamento da vida até idades mais avançadas, torna a 3ª idade uma “geração intermediária”, que convive cada vez mais com seus velhos. Situação que faz com os “menos velhos” convivam e cuidem dos “mais velhos”.

grupos de atividades intelectuais ou lúdica para cuidar da mente, se relacionar com outras pessoas, enfim, seguir os ensinamentos do envelhecer ativo. Tudo isso pode proporcionar uma quarta idade mais tranquila e ativa, mas sexo nesta idade ainda é algo que desperta muita curiosidade e estranhamento.

O lugar de onde elas estão falando é importantíssimo para a análise das falas. Dentro do TSI elas sempre direcionam suas falas para uma tentativa de positivação as experiências na velhice, fazendo dele o lugar de busca por mudanças ou, pelo menos, num lugar de tentar pensar essas mudanças. A leitura do texto *Ruídos de Passos* causou um espanto maior, por há uma diferença entre velhas de 60 anos das velhas de 80 anos ou mais. Como se com 60 anos fosse menos problemático pensar em sexualidade que aos 80, para elas. O corpo velho é o motivo do espanto. O discurso é na maioria das vezes norteado pela menopausa.

“eu sempre pensei que quando a gente chegava aos 80 ou 90 anos de idade não pensava mais nessas coisas e nem os homens prestavam mais pra ‘nada’”.

A fala acima foi dita após a leitura do conto *Ruído de Passos*. Antes da leitura, antecipei que o texto trataria de sexualidade na velhice, e a senhora perguntou, com extrema vergonha (se desculpou duas vezes antes de fazer a pergunta) se era possível sentir “essas coisas de vontade de ter prazer” aos 80 anos e se o homem, nessa idade, ainda é “forte” para isso.

Foi como se o conto tivesse respondido a pergunta e, mais ainda, deixado dúvidas, porque para ela, e para algumas outras, é difícil acreditar que com um corpo tão velho, tão feio, tão “fraco” e sem hormônios possa “render” algum tipo de prazer.

A relação das mulheres com o Climatério³¹ vem passando por fortes transformações e quebra de tabus, que proporciona outra vivência com o corpo após a menopausa e, conseqüentemente, em relação à sexualidade. O trabalho de desconstrução dessa etapa da vida feminina como um processo

³¹ O Climatério é definido, clinicamente, como o período que ocorre a transição da fase reprodutiva para a fase não reprodutiva das mulheres, que culmina na última menstruação ou menopausa, ocasionado pela diminuição pra produção hormonal.

apenas ligado ao biológico e/ou “natural”, proporciona uma maior compreensão da dimensão corporal, permitindo que essas mulheres descubram que é possível ter prazer após a menopausa.

A menopausa, construção social e psicológica elaborada a partir de uma realidade biológica, já não marca mais o fim de uma vida sexual das mulheres, como ainda ocorria para boa parte delas durante os anos 1960. E se hoje ela corresponde a uma passagem menos determinante e menos traumática na vida das mulheres, isso ocorreu, por um lado, em virtude de um tratamento preventivo das consequências fisiológicas da menopausa ter melhorado bastante, resultado de uma demanda social das próprias mulheres, e, por outro lado, porque as consequências psicossociais dessa passagem foram reduzidas, diante do fortalecimento da posição social feminina, especialmente no mercado de trabalho, fazendo com que as mulheres se tornem menos dependentes da dimensão familiar de sua identidade social. (BOZON, pág. 76, 2004).

É fato que essa nova condição feminina tem transformado a vida das mulheres. Mas nas muitas falas das mulheres que participaram dessa pesquisa, ainda há muito para caminhar nesse sentido, principalmente, quando nos referimos as mulheres com mais de 70 anos. As mulheres que passaram por esse processo há, pelo menos, 20 anos, ainda trazem consigo marcas e muitas dúvidas sobre o que elas desejam para si e o que elas de fato podem ter.

Elas acreditam que estão vivendo tempos diferentes porque a maioria das mulheres velhas que elas conheceram e conhecem não pensavam nessas possibilidades depois da menopausa, como se essa significasse a “aposentadoria” da vida sexual.

“eu achava que com a menopausa acabava o desejo, mas depois eu vi que não era nada disso; agora é que é bom porque não tem problema nenhum, a não ser é conseguir arrumar alguém (risos).

Mas aí vem a tarefa mais difícil, porque é um grande desafio encontrar alguém depois de velha”.

“eu acho que todas nós tínhamos que escutar de nossos ginecologistas que quando a gente fica velha o desejo de prazer diz ‘tchau’! não vou dizer que diz tchau totalmente, mas, pelo menos, uns 60% acaba, vai embora. Digo isso porque eu sou uma mulher ‘quente’ e para ter ‘libido’, hoje, é uma mão de obra danada. Eu gosto muito, fico muito realizada e muito feliz com ‘isso’, então eu sou como Dona Cândida Raposo, mas a gente tem que ver que o homem não cessa nunca de produzir testosterona, mas nós, mulheres, nossos hormônios cessão. E quando eles cessão fica só a parte psicológica, então o homem tem que ter paciência e saber que nós somos um fogão à lenha, né? E eles são o fogão à gás, que é rápido... a mente do dos homens é que tem que ser preparada!”

Outra senhora se manifestou imediatamente escutar a fala acima:

“é, os hormônios acabam, mas tem jeito! Usa um gel, mulher (risos)”.

E mais outra:

“é verdade! E os homens? Diante dessas mulheres, nós, que estão pensando suas sexualidades e querendo mudar a realidade e ser livre?”

A fala sobre os hormônios rendeu bastante, até chegar aos tantos remédios necessários quando chega à velhice. Eles, segundo elas, prejudicam muito o desejo, diminuindo a “vontade” de ter relações sexuais. Falar de sexualidade para elas está diretamente ligado ao ato sexual em si. Amor, afeto,

carinhos, elogios, conquista, estímulos corporais, etc. ficam, também, a margem da vida porque o ato final não seria mais possível (ou bom).

“a Dona Cândida Raposo foi de uma geração que os pais nem falavam em sexo, então ela não tinha informação sobre nada disso. Eu também sou da geração que não se falava disso e até um dia eu peguei um livro com uma amiga sobre essas coisas, mas eu nem cheguei a ler nada porque a irmã (freira do colégio) tomou. Eu vim saber como era que nascia uma criança, e não tenho vergonha de dizer isso, quando já era uma moça feita”.

“quando eu casei eu sabia que as pessoas tinham ‘relações’, mas eu achava que quando a pessoa tinha uma ‘relação’ já ‘saia’ grávida, aí só ia ter outra ‘relação’ novamente quando tivesse o filho e para ter outro filho. Ai o que aconteceu: quando a gente casa e tem a lua de mel a gente tem relações o tempo todo e eu fui morar numa casa muito pequena aí eu pensei: minha nossa senhora, onde eu vou botar esse povo todo que tá na minha barriga pra morar? E meu marido querendo ‘relações’ o tempo todo. O que fiz: com três dias de casamento, arrumei minhas coisas pra ir embora. Eu fui criada por minha avó e duas tias ‘moças velhas’³², nunca me explicaram nada. Meu doutor uma vez, me deu um livro também que explicava essas coisas, tinha figuras e tudo, até fiquei assustada quando vi, nunca tinha visto, mas minha tia, quando viu, tomou e rasgou dizendo: onde já se viu um doutor dá um livro desse pra uma moça! E olhe que minha tia era, na época, estudante de Serviço Social. Sim, eu queria ir embora também porque minha tia uma vez me disse que homem ‘rabo de burro’ era aquele que queria relação o tempo todo e só queria isso das moças, então achei que tinha casado com um ‘rabo de burro’, mas minha prima, que era bem mais nova que eu, ligou para meu marido e explicou a situação. Ele me levou ao médico que me explicou de verdade como era que engravidava e

³² Expressão usada para designar mulheres que não casaram e não tiveram filhos.

que não estava com vários filhos na barriga, não acreditei muito não, mas fui para casa. Ainda sofri um aborto sem saber que estava grávida, depois de tudo isso. Quase morri e foi uma vizinha que me ajudou. Por essas coisas, meu casamento foi muito conturbado no começo, mas agora não. Hoje já tô bem espertinha!”.

A frase “essa falta de vergonha” foi repetida por várias mulheres durante as leituras, como uma espécie de reconhecimento que por muito tempo ter desejo na velhice significava isso mesmo, mas ou mesmo tempo que lembrava que era preciso deixar de pensar assim, já que elas passaram a entender a necessidade de que isso pode não ser verdade.

Mesmo sentimento apresentado pela personagem Sra. Jorge B. Xavier. Seu desejo por Roberto Carlos lhe parecia tirar a dignidade. A Sra. trava uma difícil luta com seu corpo para que este não a mate social com o peso e cansaço trazidos pelos 70 anos já vividos, mas quando o corpo dá sinais que “ainda vive” e de forma intensa, ela senti-se culpada.

“na nossa época, que é a mesma dessas mulheres da literatura, a mulher ia para o casamento recatada, não sabia de nada, bem ignorante mesmo – isso antigamente, porque, hoje, graças a Deus, não é mais assim – o homem era o ‘machão’ que sabia e podia tudo, então, isso aí inibia as mulheres, deixava a mulher atormentada: o que é que vai ser? Era como se você entrasse num quarto escuro e não só eu, mas a maioria das mulheres da nossa geração, isso era mais que normal. Mas ainda bem que hoje a mulher está ficando independente, livre. Livre para fazer o que quiser e para entender as coisas”.

Essa mesma senhora relatou que viveu um casamento opressor, nas palavras dela:

“eu adoro cantarolar. Toda vida eu tive o costume de cantarolar, fazias as minhas coisas, quando moça, cantarolando. Quando eu não fazia, minha mãe perguntava: não vai cantar não? Quando eu

casei, estava lá fazendo minhas coisas de casa cantando e meu marido falou: pra que isso? Cala a boca! Que ‘zuada’ é essa? – Rapaz, eu gosto de cantarolar, respondi. – Pois não cante, porque isso é ridículo, ele me disse. Então, já era aquela de proibição. Proibia tirando minha liberdade. Mesmo assim eu passei 33 anos casada e só tendo filhos. Mas eu não sou nenhuma vítima não, pois, hoje, eu sou feliz. Sei sorrir, sei amar, eu sei valorizar as amizades, sei muita coisa gostosa que a vida tem pra gente. Depois desse 33 anos, com as pessoas achando que era um casamento perfeito, eu pedi a separação. Todos diziam: mulher, como é que pode? fulano é uma pessoas tão boa! não credito! E eu dizia: pois é. Vou me separar. Não havia carinho no casamento. Eu sofria na hora da relação sexual, era só ‘vuco-vuco’ e quando eu pedia para parar ele dizia: cala a boca que tá atrapalhando. Hoje, depois da separação, um grande prazer que tenho é andar por aí sozinha, livre! É um prazer enorme!”.

“quando eu envelheci e meus pais desapareceram (morreram) eu adquiri minha autonomia, e essa autonomia me deu liberdade e essa liberdade me deu transparência e essa transparência me fez demonstrar as coisas que eu gosto: abraçar um homem, abraçar uma mulher, beijar um homem, beijar uma mulher, beijar uma criança, dá um afago a quem eu quiser e, hoje, não tenho preconceitos. Aceito todas as pessoas. Hoje eu tenho discernimento e acho que a idade me ajudou muito nisso”.

“agora na velhice e separada estou livre e posso exercê-la! e isso me faz feliz!”

As palavras liberdade e autonomia são sempre ditas e ouvidas com muito entusiasmo. Mais que palavras que idealizam uma ‘vida plena’, como disse uma das senhoras, elas representam as conquistas dessas mulheres. Para muitas, essas conquistas só foram possíveis na maturidade, tanto porque,

agora, elas têm consciência e clareza das dimensões de suas vidas quanto por conseguirem ter mais independência para realizarem o que desejam. Isso dentro da concepção da velhice como momento de projeção de sonhos e busca de realizações, como diz Andréa Alves (2005), com o a teoria da velhice ativa:

O envelhecimento passa a ser pensado como uma etapa da vida na qual o hedonismo, o prazer e a busca pela realização pessoal tornam-se objetivos legítimos e desejáveis. Essa transformação é alimentada por vários fatores, dentre eles, destacam-se a propagação do discurso da geriatria e da gerontologia sobre a velhice saudável e ativa. (ALVES, pág. 21. 2005).

A liberdade alcançada por essas mulheres para resignificaram suas vidas e realizarem tarefas antes mais difíceis, pelas demandas de trabalho e vida familiar, não significa que diminuíram a importância e necessidade de desenvolverem seus papéis de avós, mães, esposas e donas de casa. Continuam fazendo, mas, agora, com outra intensidade. Elas dizem que ainda cuidam “dos seus”, mas com a diferença que agora elas são a prioridade. Permanecem organizando a vida familiar e sendo o ponto de apoio de todos, mas não deixam de realizar o que querem por isso.

Na leitura do texto *Por enquanto*, de Clarice Lispector, os sentimentos de solidão e necessidade de ocupar o tempo ocioso volta com a intensidade sentida quando falavam da importância da literatura em suas vidas. Assim, como a sensação de que a personagem tinha uma consciência mais aguçada de sua solidão porque era escritora.

“todo o questionamento que ela faz, faz porque é escritora. Quando a gente escreve pensa mais nas coisas”.

“é interessante por que, como a mulher do conto, a gente tem que fazer alguma coisa, preencher o tempo. Quando não tem nada pra fazer, inventa, como ela foi fazer ‘pipi’, faz até sem ter vontade.

Então, a gente escreve, dança, pinta e preenche o tempo com alguma coisa”.

“para mim a autora (Clarice) foi honesta. A gente sempre pensa essas coisas e fica calada. Ela fala o que sente: quando fala da empregada morta de gorda, da dúvida de ir ao enterro do pai da moça ou não (eu já passei por isso) de dizer que não queria o presente quando, na verdade, pra mim, ela queria e o filho não entendeu. Ela foi sincera”.

“ela fala de sentimentos de solidão e nesse momento ela se sente um pouco morrendo. Ela busca um telefonema, mas sabe que ninguém vai atender, os filhos longe, ela tá sozinha, carente de conversar e, assim, ela se sente morrendo também”.

Como foi dito no capítulo anterior, a solidão é um dos fantasmas que assombram a velhice dos participantes do TSI e de outros tantos velhos. A solidão que as senhoras falam é a oposição de estar acompanhado de outro. Para além das explicações subjetivas, a ausência de “um outro” é a tradução imediata para essa solidão que afeta essas senhoras.

Esse texto trouxe muitas falas sobre a relação das mulheres com seus filhos que estão longe, fora de casa, que é o caso da maioria delas. A ausência dos filhos trás momentos de extrema solidão e elas acham que eles podiam ser um pouco mais atenciosos, ao mesmo tempo que admitem que *elas precisam cuidar das próprias vidas* e que, mesmo longe, eles demonstram o amor que sentem por elas.

Pelo menos, três mulheres falaram sobre o presente do dia das mães. Elas assim como a personagem, disseram que queriam mesmo era a presença dos filhos, mas algumas acabaram frustradas com a obediência dos filhos: “poxa, não custava nada. É uma demonstração de carinho!”.

Já outra mulher achou que ela tinha razão, pois para uma mulher tão solitária, a presença era realmente mais importante e que um presente não significa que você gosta mais da pessoa.

“eu vejo uma mulher solitária, nostálgica, mas dentro dessa angústia que ela vive, ela busca um encontro com ela mesma. Quando ela liga para si mesma é como se ela acordasse alguma coisa dentro dela sem querer, ou então, quando ela vai comer e vê a empregada tão feliz cozinhando e ela com aquele drama na cabeça e ela pensa que está morrendo, mas não se entrega e vai para a máquina e escreve algo e volta e vai, mas ela questiona cada segundo de sua vida e como que perguntando porque tanta angústia, porque tanta dor, porque tanto sofrimento, porque tanto abandono”.

“ela tem razão: a gente morre às vezes, é verdade! em cada desilusão!”.

“ela fala do cotidiano de muita gente, porque quando se está praticamente só, tem dia que a gente pensa que não vai conseguir”.

Já Maria Angélica, de *Por Enquanto*, despertou sentimentos diversos nas mulheres, ou mesmo tempo que há uma exaltação de sua atitude em tomar a iniciativa e querer realizar seu desejo pelo rapaz, trouxe questionamentos sobre se era mesmo necessário se submeter às tantas humilhações que passou só para viver esse romance e vencer a solidão.

Para as mulheres, estar só é uma “coisa” ruim, mas Angélica não precisa “comprar” um rapaz, “que nem gostava dela”, para resolver esse problema. Para uma senhora, ela deixou a situação dela ainda pior: “porque se ser sozinha é ruim, ser desprezada é ainda pior. É como diz o ditado, minha filha: *antes só que mal acompanhada*”.

Além da discussão da realização do desejo de Angélica, uma senhora falou que o que ela estava fazendo não daria certo nem se ele, Alex, estivesse querendo também:

“Isso não dá certo. Pense, uma pessoa mais velha já viveu muito, já sabe de muita coisa, enquanto a mais nova ainda quer viver, são tempos e necessidades diferentes. E se ele quisesse ter filhos? Ela não poderia mais. E eu acho certo uma pessoa querer formar uma família. “Com uma pessoa mais velha isso fica muito difícil, até impossível e, às vezes, nem quer, porque já teve tudo isso”.

O ideal de família das mulheres é muito ligado à formação familiar tradicional com pai(homem), mãe(mulher) e filhos(principalmente os ditos “legítimos” ou gerados pelo casal) unidos pelo “amor” e cumplicidade. Pelo menos, foi o que escutei delas em conversar informais.

O amor era válido, mas era muito vergonhoso viver aquela situação, já que o rapaz tinha nojo dela e só estava ali pelo dinheiro. “Se fosse um amor de verdade, não teria problema, disse uma senhora, mas nessas condições, não dá”. “Nós temos que nos respeitar”, disse outra. “Os hormônios não podem ser mais importantes que a dignidade”.

Diferente de Maria Leonor, do conto *Boa Noite, Maria*, de Lygia F. T., que preferiu se render ao amor amigo, companheiro, que a ajudou em um momento muito difícil. Maria Leonor, talvez, tenha sido a personagens que causou sentimentos mais “suaves” nas mulheres. Primeiro pela condição de enferma e solitária; segundo por admitir que estava cansada de casos amorosos, queira, agora, um amor verdadeiro; terceiro, por admitir sua velhice e tentar fazer dela momentos agradáveis.

Mesmo diferente do que as mulheres o CL e do TSI buscam: uma vida mais movimentada, a identificação se deu pela honestidade de admitir o que gosta de fazer e fazê-lo. Sem culpas ou amarguras. Se iria morrer em breve mesmo, então que fizesse aquilo que a deixaria bem e feliz.

Maria Leonor representa a maturidade tão aclamada pelas mulheres do grupo. Maturidade porque ultrapassa o determinante “idade cronológica”. Segundo uma senhora, “ela, a maturidade, não é para todos. É uma capacidade de entendimento, que só quem se deixou atingir pela vida consegue alcançar”. Significa capacidade de entender o mundo com serenidade e sabedoria. Sem pressa. Sem desespero.

Nessa definição dada por elas, Maria Angélica estaria bem longe de alcançar tal maturidade, já que dispôs tão rapidamente a viver sua ousadia e que não media esforços para manter uma situação que já começou sem dar certo, pois só quem se apaixonara fora ela. Prova cabal de seu desespero e falta de serenidade eram suas manifestações ridículas de amor e tentativa de sedução de Alexandre: vestir roupas transparentes, beijá-lo sem que ele quisesse, dá gritinhos na hora do amor enquanto ele tinha nojo.

A ousadia de Maria Angélica foi entendida como excesso. Uma senhora até disse que bom e saudável “ficar cheirosa” e demonstrar para o seu companheiro que o quer e deseja, mas com qualquer um que bate a porta, não. Disse mais: *“tem umas modernidades que em morro e não entendo. Nós, mulheres, temos mesmo que ter o direito de fazer o que queremos, mas temos que querer o que é certo. Esse negócio de fazer as mesmas coisas que o homem faz deixa a gente vulgar. Não vejo vantagem nenhuma nisso”*.

As falas das mulheres, tanto as presentes nesse texto quanto as das conversas informais dos corredores do SESC, revelam sentimentos contraditórios em relação ao que elas chamam de “atualização” dos conceitos/categorias que estão norteando suas vidas no processo de envelhecer. Britto da Motta (1999) fala de uma necessidade de um maior questionamento sobre esses *sentimentos* que dividem essas senhoras na hora de tentar entender as atitudes dos mais jovens e do contexto social atual

realmente, há muito a refletir sobre o sentimento do velho no mundo, e neste mundo atual, considerando-se que muitas das suas construções mentais e experiências foram forjadas e vivenciadas em um outro tempo social, desde um tempo passado. Mas não vejo porque a remissão apenas ao passado, porque o idoso vive também hoje e a experiência é uma jornada que não (tem que) termina(r). (BRITTO DA MOTTA, pág. 203, 1999).

As referências dessas mulheres se dividem entre o que elas aprenderam no passado e as experiências atuais, como as dos filhos e netos. Entendem

que, diferente da velhice de suas mães e avós, elas podem amar, trabalhar, desejar prazer, praticar exercícios, estudar, viajar, etc., mas para algumas a liberdade que as pessoas possuem atualmente faz com que elas se percam em excessos, como, por exemplo, quando uma das senhoras diz que descobriu que é bom e possível ter uma vida sexual ativa após os 60 anos, mas nunca vai permitir que sua filha “durma” com um namorado em sua casa, pois exige respeito (como fora ensinada e criada). Ela se diz uma senhora moderna, mas “tradicional”: sexo é bom, mas dentro de determinado contexto, no casamento, por exemplo.

Maria Angélica nos traz uma discussão que é bastante presente na maioria dos contos: o desejo de poder ter desejo na velhice. Esse é um assunto recorrente nas conversas das senhoras que encontrei no Criação Literária. Lá, na verdade, não se fala em sexo propriamente dito, fala-se muito em amor. O que traz o assunto sexo nas entrelinhas.

As senhoras escrevem muito sobre seus sentimentos amorosos, principalmente, num tom de saudade. Dos amores passados, alguns já mortos outros que ficaram na juventude, nos amores adolescentes, nos da maturidade – aquelas que continuam casadas... enfim. Essas senhoras viveram tempos de relacionamentos mais “contidos”, como falou uma delas, uma “época de romances românticos, diferentes dos de hoje”, mas logo foi interrompida por outra que tratou de lembrar que não era tão diferente assim, já que jovem é jovem em qualquer época e encontra sempre um jeito de realizar o que deseja. A diferença, para ela, é que hoje as coisas não precisam ser tão escondidas e que as informações são muito maiores e mais acessíveis.

Já personagens como Dona Frozina e Dona Anita representam uma velhice que as mulheres não querem para si. A estagnação de Dona Anita, ao mesmo tempo em que carrega profunda amargura e desprezo por seus familiares, desperta sentimentos que devem ser rejeitados para se viver essa nova velhice. A vida familiar para as mulheres do TSI e do CL representa a parte mais importante de suas vidas, segundo as mesmas. Elas sempre repetem que um dos seus maiores prazeres é se reunir com filhos e netos para festas, almoços, datas comemorativas, etc.

Apesar dos conflitos familiares existentes e admitidos por elas, acreditam que manter a família unida é uma de suas principais funções na vida. Nem todas as mulheres leram o conto de Dona Frozina, mas as que viram, deram boas risadas e disseram que esse tipo de mulher não existe mais. “Não há mais espaço para tanta ingenuidade nos dias de hoje”, disse uma das mulheres. Guardar o luto mesmo sendo tão jovem não faz mais parte das obrigações da mulheres,

“nem seria justo conosco. Não podemos morrer junto com nossos maridos. Fica na memória, fica o respeito, o amor, mas morrer junto não. Ainda mais quando se fica viúva tão jovem como ela (29 anos). Sem falar que os homens, quando ficam viúvos, tratam logo de casar de novo. Eles não sabem viver sozinhos. Eu casei de novo e casaria novamente. Ficar sozinha na velhice não é bom. Ficar sozinha nunca é bom”.

A viuvez é uma realidade, também, muito presente nas histórias dessas mulheres. Mas o que elas fazem após a morte dos maridos está muito ligado as suas histórias de vida. Para algumas ficar viúva significou uma liberdade há muito desejada, mas impossível de vivê-la durante o casamento. Mesmo sentindo a ausências dos maridos e dizendo amá-los até hoje, afirmam que não casariam nunca mais: “nunca mais quero um homem controlando meus passos e minha vida; marido é bom, mas dá muito trabalho. Vou ficar sozinha mesmo que ganho mais”.

Falas que contradizem os depoimentos sobre a solidão e de desejo de ter um amor para a velhice. Elas, na verdade, não querem mais os relacionamentos que tiveram. As referencias de estar junto que muitas têm, choca-se com o ideal de liberdade que elas alimentam atualmente. Talvez, por isso, o amigo-amante de Maria Leonor tenha despertado uma afeição maior nas mulheres.

Dona Frozina caracteriza uma viúva que, segundo Britto da Motta (2005), sempre povoou o imaginário social, mas sem grande relevância nos

estudos acadêmicos. Mulheres, sim, porque todo o peso social que isso significou por muito tempo, com certos resquícios hoje, é bem mais intenso na vida das mulheres, apesar da condição de viuvez atingir tanto mulheres quanto homens:

Entretanto, ou por isso mesmo, entre alusões críticas as possíveis “viúvas alegres” e à pérfida “dor de viúva”, especializações matreiras da “dor de cotovelo”, a sociedade sempre esteve atenta para cobranças as mulheres que, uma vez sozinhas – isto é, fora do alcance do poder masculino – “saíssem da linha” dos estreitos traçados normativos da moral familiar. (BRITTO DA MOTTA, pág. 02, 2005).

Quando o marido morre, morre também a mulher/esposa. O que fica é sua viúva, que agora seria “virgem” para sempre e nunca mais viveria como mulher/esposa. Agora, era apenas boa mãe, boa avó, boa sogra. Retomou a pureza de quando era “mocinha”. Essa situação, por mais engraçado que o conto passa parecer, ainda faz parte da realidade de mulheres velhas que são viúvas. Quando há filhos homens, a situação toma mais intensidade. Algumas senhoras reclamam que seus filhos querem ser os “guardiões” da memória do pai e “novo dono” de suas vidas, tentando proibi-las de namorar e ter novos relacionamentos amorosos. Aqueles que não conseguem impedir, isso depende muito do grau de independência (principalmente financeira), tentam, pelo menos, atralhar ou através de chantagens emocionais. Uma senhora brincou: “minha filha, eles tentam de tudo, mas eu gosto de homem e pronto. Tá é pra nascer um que vai me proibir de namorar”.

Quando reli o conto *À procura de uma dignidade*, fiquei imaginado que a Sra. Jorge B. Xavier, se real fosse, poderia ser uma participantes do Criação Literária ou de um dos tantos outros grupos culturais do SESC. Assim como os idosos que procuram o TSI para se manterem vivos e ativos socialmente, a Sra. Xavier não se permite parar de ser vista em eventos culturais. Foi a forma que encontrou de afastar a “morte social” de si. A senhora sabia que se

parasse de frequentar esses lugares, logo seria esquecida e iria ficar cada vez mais sozinha em sua velhice.

Mas é necessário demarcar uma grande diferença entre ela e as mulheres reais: estas demonstram uma enorme satisfação em participar dos grupos, diferente da Sra. do conto, que tinha essas tarefas como um fardo pesado para carregar, assim como o peso de seu velho corpo de 70 anos.

Essa necessidade da Sra. Xavier vem da mesma ansiedade que todas essas mulheres apresentadas até aqui passam: a crise da velhice. Três motivos a levaram a entrar nessa crise: a vontade de mudar sua vida, fazendo planos para o futuro (*mas ainda havia tempo?*); um desagradável encontro com o seu corpo velho e “seco” no espelho, corpo esse, que não sentia como sendo seu; e, por último, o desejo de prazer que teima em voltar a povoar seus pensamentos.

Esses sentimentos, que são motivos de crise para as mulheres velhas, também podem significar o motor que move a vontade ou necessidade dessas mulheres de modificar suas trajetórias e, assim, burlar os problemas que, esse “bicho de sete cabeças” que pode ser a velhice, pode trazer.

4. Considerações finais

Numa segunda-feira qualquer de Junho de 2011:

Uma senhora, como muita vergonha, conta para seus colegas de grupo que escreve contos e poesias eróticas e pornôs. Depois de alguns segundos de silêncio, alguém diz: *Cadê?*

A pobre senhora quase “morre” de tanto constrangimento e diz: “*Não mostro pra ninguém! Ninguém mesmo! Nunca! Eu tenho muita vergonha do que escrevo. Deus me livre de alguém ver aquilo*”. Mas ao contrário do que ela esperava, os companheiro de grupo disseram achar muito legal e não viram nada demais nisso. Porém teve quem perguntasse se havia palavrões e se descreviam o ato sexual em si, num tom de desaprovação, caso tivesse. A senhora deu uma resposta que não respondeu e continuou seu relato. Nesse momento, tive a impressão que, se em algum momento ele pensou em mostrar pros colegas, ficou só no pensamento mesmo.

Essa foi uma situação marcante para minha a pesquisa. Não o fato de uma senhora escrever os textos eróticos, mas o rosto de desespero dela ao contar que escrevia e do relato que seguiu:

“eu me sinto muito bem enquanto escrevo esses textos. É como se todo o meu corpo reagisse a minha escrita. Eu me sinto descarregada. Fico muito bem e feliz, mas quando acabo de escrever e leio o texto fico muito mal. Muito mal mesmo. Tenho vergonha. Horror. Não sei como consigo escrever aquilo. Nem parece que sou eu. Por isso escondo todos. Não quero que ninguém veja nunca”.

Contradição. Essa é a palavra que marca a vida dessas mulheres nas suas velhices. Elas estão, a meu ver, vivendo momentos de transição. De um tipo de velhice para outro. Não que as essas contradições um dia acabem ou que teremos, num futuro próximo, pessoas com mais de sessenta anos que viverão velhices sem “problemas”, mas, talvez não seja mais sofrer por pensar, falar ou querer sexo, por exemplo.

Essas mulheres tiveram como primeiros modelos de educação e socialização, ideais que chocam com os existentes atualmente. Não que esse modelo tradicional de educação das mulheres – marcado por uma idealização de feminilidade ligada à pureza e comportamentos obediente e recatado – tenha desaparecido, mas passou por profundas transformações. A liberdade experimentada pelas mulheres atualmente é uma conquista recente, contemporânea dessas senhoras, pode-se dizer.

Assim, elas são “frutos” da contradição que é acompanhar dos tempos tão diferentes.

Elas estão num movimento de desconstruções e descobertas para uma possível reconstrução, que têm como pontos principais suas relações com os corpos que envelhecem e as esferas da vida que se ligam a ele, como sexualidade, a relação com o outro e a capacidade física de cuidarem de si até o final de suas vidas.

Através do encontro das mulheres que compõem o Grupo de Criação Literária com as mulheres-personagens que dão vida aos contos Clariciano e Lygianos, percebemos que o envelhecer feminino tem diferenciais que ultrapassam suas condições de velhas. Para além do fato de seus corpos estarem diferentes ou de terem que se afastar das tarefas que antes realizavam com tranquilidade, o entendimento de suas condições de mulheres

e que as muitas repressões e proibições que se fizeram presentes em suas vidas, podem ser a chave para essa compreensão que elas estão buscando ter para viverem um envelhecimento sem maiores dificuldades e opressões.

Essas mulheres buscam resignificar suas vidas após se tornarem “desnecessárias” para algumas coisas para as quais elas dedicaram boa parte de suas vidas. Principalmente, para as que foram realizadas durante a parte que elas acreditam ser mais importante: a vida adulta, já que é nessa fase da vida que se faz coisas que marcam suas histórias e a dos outros que fazem parte dela. Na perspectiva delas, é na vida adulta que se produz o que ficará de importante para o mundo, é nela que damos nossa contribuição a vida.

Um assunto muito comum nos trabalhos sobre o envelhecer é a morte. Mas depois de terminar o texto vi que ela não apareceu em momento nenhum das falas das mulheres, o que fez com que esse assunto ficasse de fora. Com um pouco de reflexão e rememorando as lembranças e anotações, vi que essa ausência é quase inevitável. As mulheres não querem nem saber disso. Estão no TSI buscando uma velhice mais “viva e intensa”. A morte é admitida como inevitável, mas não é por isso que precisa ser “lembrada” o tempo todo. Em minhas anotações, encontrei o dia que a sugestão para a escrita, do Professor Márcio, era “o inevitável”. Uma senhora disse de imediato: “*Vixe! É a morte! O inevitável é a morte. Eu não quero fazer isso não!*”. E não fez mesmo. Em outro momento, escutei duas mulheres conversando e uma falava: “*não estamos aqui para nos preparar para morrer, mas sim para continuar vivendo e vivendo bem sem precisar ficar pensando nesse fim*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Paulo Germano Barroso de. *Mulheres claricianas: Imagens Amorasas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA. *Envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica*. APC Em Revista, ano V, n.05, 2001.

BACELAR, Rute. *O desejo não tem idade: a sexualidade da mulher idosa*. Recife: FASA, 2002.

BRASIL. *Estatuto do Idoso: Lei Federal n. 10.741, de 01 de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso*. Brasília, DF: Imprensa Nacional, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 2004.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória de estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 52, p.109-132, 2006.

_____. A cidade dos velhos, in: VELHO, Gilberto. (Org.) *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

_____. (Org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade memória e política*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BASTIDE, Roger. A propósito da poesia como método sociológico. In: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

BARTUCCI, Giovanna (org.). *Psicanálise, literatura e estéticas da subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

BAUER, Martin W., GASKELL, George (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: A teoria do romance*. São Paulo: EDUNESP/HUCITEC, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BENJAMIN, Moser. *Clarice*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BERLINCK, Manoel Tosta. A envelhescência. In: PERES, Urânia; COELHO, Maria Thereza (Orgs.). *Amor e morte*. I Congresso Internacional de Psicanálise da Bahia (Anais). Salvador: EGBA, 1998.

BIRMAN, J. O futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise, in: _____ *Estilo e modernidade em psicanálise*, São Paulo : Ed. 34, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas-SP: Papyrus, 1994.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *A dominação masculina*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Trajetórias sociais de gênero e representações sobre a velhice no Brasil. In: *Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, 1996.

_____. (Org.). *Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional*. Salvador, UFBA, 2005.

_____. Palavras e convivências – Idosos, hoje. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.129-139, 1997.

_____. De gerações, afetos e papéis na família. In: *VI Encontro da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas – REDEFEM*. Belo Horizonte, 2008.

_____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, Campinas-SP, n. 13, p.191-221, 1999.

_____. Viúvas: o mistério da ausência. *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 7, p. 7-24, 2005.

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1973.
- CAMPOS, Roberta Bivar Campos; HOFFNAGEL, Judith. (Org.) *Pensando família, gênero e sexualidade*. Recife: Ed. UFPE, 2006.
- CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- _____. *Iniciação à Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- _____. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- _____ (org.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer e A amizade*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- _____ Envelhecimento e Curso da Vida. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.120-128, 1997.
- _____ O discurso gerontológico e as novas imagens do envelhecimento. *São Paulo em Perspectiva*, v. 7, n. 4, p. 121-8, out./dez. 1993.
- _____ Envelhecimento e Curso da Vida. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.120-128, 1997.
- _____; SIMÕES, Júlio Assis. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: FREITAS, E V...[et al], *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Koogan, 2006.
- ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. "Figuração". *Escritos e ensaios, 1: Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- _____. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ENRIQUEZ, Eugène. Da solidão imposta a uma solidão solitária. *Cronos*. Natal/RN, v. 5/6, n. 1/2, 2004/2005.
- FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. (Coleção Ciências Sociais Passo-a-Passo). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERNANDES, Cleudemar Alves; GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ALVES JÚNIOR, José Antonio. Orgs. *Análise do discurso na literatura: rios turvos de margens indefinidas*. São Carlos: Claraluz, 2009.

FERREIRA, Sílvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (Orgs.) *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. Os corpos dóceis. In: *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Literatura e linguagem. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001a.

_____. A vida dos homens infames. In: *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GROISMAN, D. A velhice, entre o normal e o patológico. *História, Ciências, Saúde*, v.9, n. 1, p. 61-78, jan./abr. 2002.

HEINICH, Nathalie. *A sociologia da Arte*. Bauru, SP: Edusc, 2008.

HEILBORN, Maria. Luiza. (org.). *Família e sexualidade*, Rio de Janeiro : FGV, 2004.

HÉRITIER, Françoise. "Masculino/Feminino", in *Enciclopédia Einaudi, Vol. 20*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 11-26, 1989.

IACUB, Ricardo. *Erótica e velhice: perspectivas do ocidente*. São Paulo: Vetor, 2007 – (Coleção Gerontologia v. 4).

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira 5 – Lygia Fagundes Telles*. São Paulo: IMS, 1998.

_____. *Cadernos de Literatura Brasileira 17/18 – Clarice Lispector*. São Paulo: IMS, 2004.

KEHL, Maria Rita. "Minha vida daria um romance". In: BARTUCCI, Giovanna (org.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

_____. A constituição literária do sujeito moderno. São Paulo, 2000.
http://www.etatsgeneraus-psychanalyse.net/archives/texte_113.html, acesso em 27/02/2008.

JAUSS, Hans Robert... et al.; LIMA, Luis Costa, coordenação e tradução. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LASCH, Christopher. *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Refúgio num mundo sem coração*. A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991.

LEÃO, Andréa Borges. Como fazer uma sociologia da singularidade? Autoria e campo literário. *Estudos Sociológicos*, Araraquara, v.14, n.27 p. 301-316, 2009.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Adeus ao corpo*. Campinas: Papirus, 2003.

LEGROS, Patrick *et al.* Literatura e imaginário social. In: *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LIMA, Susana Moreira de. Velhice e sexualidade: o corpo feminino reconfigurado no espaço narrativo. In: *VI Encontro da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas – REDEFEM*. Belo Horizonte, 2008.

_____. A obscenidade da velhice feminina: o rompimento do olhar na literatura. In: *Fazendo Gênero 7*. Florianópolis - SC: UFSC, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Leituras fundamentais, pois compõem meu campo de investigação. Acervo pessoal.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

LOYOLA, Maria Andréa. (Org.). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

LYPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LUKÁCS, Gyorgy. *Arte e sociedade*. Escritos estéticos 1932-1967. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MADEIRA, Marcos Almir. *Fronteira sutil entre a sociologia e a literatura*. Rio de Janeiro: Editora Nórdica; Niterói, RJ: UFF, 1993.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: **Sociologia**. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1982.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise de discurso*. Campinas: Pontes: Ed. UNICAMP, 1989.

_____. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia C. (orgs.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MARTINS, Maurício Vieira. Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Volume 19, n. 56, 2004.

MESSY, Jack. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: Aleph, 1999.

MORETTI, Franco. *Signos e estilos na modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas literárias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOSCOVICI, Serge. Sobre a subjetividade social. In: SÁ, Celso Pereira de. (Org.). *Memória, imaginário e representações sociais*. Rio de Janeiro: Museu da República Ed., 2005.

_____. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MUCIDA, Ângela. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro e FERES-CARNEIRO, Terezinha. *Masculino e feminino na família contemporânea*. *Estud. pesqui. psicol.*, jun. 2004, vol.4, no.1, p.0-0. ISSN 1808-4281.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1996.

NERI, A. L. *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: Unicamp, 1991.

_____. *Tendências da pesquisa gerontológica nas áreas da psicologia e das ciências sociais no Brasil identificadas no período 1975-1996*. Campinas: Unicamp, 1996.

NERI, Regina. *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Rio: Civilização Brasileira, 2005.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, tomos I-III. Campinas: Papirus, 1994, 1995, 1997.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. 7.ed., rev. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. (Coleção Antropologia e Saúde).

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher Idosa: a feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares da Velhice*. Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. Melancolia e envelhecimento homossexual: figurações da velhice no contexto da homossexualidade masculina. In: *VI Encontro da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas – REDEFEM*. Belo Horizonte, 2008.

_____. A subjetividade moderna como artefato narrativo: Em torno de algumas personagens conceituais *sem qualidades*. *Encontro Internacional Texto e Cultura*. CD-Rom, 2009a.

_____. Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Bagoas*. n. 04, 2009.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Histórias de mais de 60 anos. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.148-158, 1997.

PEREIRA, Verbera Laranjeira. Gênero: Dilemas de um conceito. In: STREY, M. N.; CABEDA, S. T. L.; PREHN, D. R.(Orgs). *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Além da idade da razão: longevidade e saber na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.

SESC. Divisão de Planejamento e Desenvolvimento. *Modelo Trabalho Social com Idosos: módulo político*. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2009.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SOUZA DOS SANTOS, Sueli. *Sexualidade e amor na velhice*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOUZA, Eneida Maria de. Madame Bovary Somos Nós. In: BARTUCCI, Giovanna (Org.). *Psicanálise, literatura e estética de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

TELLES, Lygia Fagundes. *A noite escura e mais eu*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Melhores contos de Lygia Fagundes Telles*. São Paulo: Global, 1999.

_____. *A disciplina do amor*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

_____. *As horas Nuas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Mulher, Mulheres. In: *História das mulheres no Brasil*. Mary Del Priore (org.). São Paulo: Editora Contexto.

TOROROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2007.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio: Janeiro : Rocco, 1994.

VENTURE, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (Orgs.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Editora Ática: 2009.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. Caxias do Sul, RS: Edusc, 2006.